

# BLUMENAU

*em Cadernos*



26 ANOS  
  
FUNDAÇÃO  
CULTURAL  
DE BLUMENAU

TOMO  
XL  
Janeiro/1999  
Número 01

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



# BLUMENAU

*em Cadernos*



**Fundação Cultural de Blumenau**  
Braulio Maria Schloegel  
*Presidente*

**Diretoria Administrativo-Financeira**  
Maria Teresinha Heimann

**Diretoria Histórico-Museológica**  
Sueli Maria Vanzuita Petry

**Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”**  
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
*Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”*

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de  
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -  
il.  
Mensal

**Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,**  
na Área de História – edição 1998, concedido  
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

# FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

## Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



COPYRIGHT © 1999 by Fundação Cultural de Blumenau

**REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”**

**CAPA**

*Projeto Gráfico:* Silvio Roberto de Braga  
*Acervo:* Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”  
Piquenique realizado num dos recantos  
aprazíveis de Blumenau.

**DIREÇÃO**

Sueli M. V. Petry

**CONSELHO EDITORIAL**

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,  
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

**DIGITAÇÃO**

Edelberto Hartmann Júnior

**DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO**

Cristina Ferreira

**PRODUÇÃO GRÁFICA**

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.  
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600  
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

**EDIÇÃO**

Editora Cultura em Movimento

**DIREÇÃO EXECUTIVA**

Dirceu Bombonatti

## SUMÁRIO

A Língua dos Brasileiros <i>Eugen Fouquet</i> .....	07
Carta aos pais e parentes (15/9/1849 a 02/01/1850) <i>Hermann Blumenau</i> .....	14
As técnicas e suas razões de aplicação no planejamento urbano <i>Hans Broos</i> .....	20
Blumenau: idéias e conhecimentos para um futuro plano diretor <i>Aziz Nacib Ab'Saber</i> .....	23
O Cinema Mudo <i>Siegfried Carlos Wahle</i> .....	53
Verbetes do ano 98 <i>Theobaldo Costa Jamundá</i> .....	55
“Bulha d’Arroio”: 60 anos – Homenagem a Tito Carvalho <i>Enéas Athanázio</i> .....	62



## A língua dos Brasileiros

Texto:

EUGEN  
FOUQUET\*



O artigo “A Língua dos Brasileiros” reflete uma discussão que ao longo das primeiras décadas deste século passou a ser a tônica dos nacionalistas que desencadearam uma política nacionalizadora em Santa Catarina.

Extraído do periódico “Der Urwaldsbote” de 20 de julho de 1923, o redator e jornalista Eugen Fouquet, comenta um texto do Prof. Backheuser sobre este tema em nosso estado.

### Linguagem

#### O alphabeto — Das Alphabet.

a b c d e f g h i j k l m n o p q  
a be ce de e efe sche agá i schota ka elle emme enne o pe ke  
r s t u v w x y z.  
erre esse fe u we we xis ipsilon se.

Nota: K und W nur in Fremdwörtern.

Vogaes (Vokale) sind: a, e, i, o, u, y, alle übrigen Buchstaben sind Mitlaute (consoantes).

Diphthongos (Doppelvokale) sind: ae, ai, ao, au, ei, eo, eu, ia, io, etc.

Diphthongos nasaes (Nasallaute) sind: äo, öe, äe, äi.

Nenne Wörter, wo diese vorkommen.

Als Schärfsungszeichen dienen zwei Accente. Der *accento agudo* auf á=aa; im In- und Auslaut auf á, é, ó, ú, um die starke Betonung der Silbe zu bewirken. Vokal offen sprechen. — Der *accento circumflexo* au ê=ee; auf ô und é im In- und Auslaut geschlossen aussprechen, Silbe betonen.

Syllaba (Silbe) nennt man den Teil eines Wortes, der mit einem Ansatz gesprochen wird. — Me-ni-no, fi-lho, etc. Unterscheide: Einsilber (Monosyllabos); Zweisilber (dissyllabos); Dreisilber (trissyllabos); Vielsilber (polysyllabos).

Schreibe von jeder Gattung zehn Wörter.

NOTA: Bei der Trennung der Silben merke folgendes: me-ni-no, con-tar, ca-sa, ve-lho, fi-lho, se-nho-ra, ga-ti-nho, prom-pto, lu-cto, etc. Jede Silbe muss sprachlich ein Ganzes bilden; vergleiche: Ges-chmack: (falsch), ebenso Hau-stüre, etc.

### Manual bilingüe para os alunos das escolas primárias de Blumenau – 1930.

Tradução: Annemarie Fouquet Schünke.

\* Redator do Jornal “Der Urwaldsbote”.

## **Die Sprache der Brasilianer**

Unter diesem Titel hat Professor Backheuser, der Vorsitzende der "Brasilianischen Gesellschaft der Freunde deutscher Kultur", im "Jornal do Brasil" (vom 4. Juli) als Frucht seiner Reise nach dem Süden einen zweiten Aufsatz erscheinen lassen, der sich mit der Sprachenfrage beschäftigt. Dabei geht er von der Tatsache aus, daß es in Brasilien Brasilianer gibt, die sich nicht in der Landessprache ausdrücken können. Was ist dagegen zu tun?

"Wer die schwierigen nationalen Probleme im bequemen Lehnstuhle eines eleganten Kaffehauses oder auf einem Spaziergange in der Avenida löst, ohne jemals im Innern des Landes gewesen zu sein, der wird zum mindesten verlangen, daß diese unnatürlichen Brasilianer einfach ausgewiesen werden. Es ist leicht, dergleichen Fragen mit einem Federstrich abzutun. Wer jedoch gereist ist und die Verhältnisse an Ort und Stelle geprüft hat, der wird ein wenig nachdenken, ehe er eine Entscheidung fällt...

Jeder Brasilianer sollte die Landessprache kennen. Das ist nach Professor Backheuser eine selbstverständliche Forderung. Wie aber liegen die Verhältnisse im Süden? Hören wir, was er darüber sagt:

"Von allen Fremden, die sich in Brasilien angesiedelt haben, flößen ohne Zweifel die Deutschen die größte Furcht ein, obwohl das Problem bei den übrigen, die nicht portugiesisch sprechen, gleich schwierig ist. Die deutsche Gefahr aber ist es, die in den Augen der Brasilianer der Avenida überwiegt. Das kommt einerseits daher, daß das deutsche Volk auf der höchsten Kulturstufe steht, andererseits daher, daß man es für fähig hält, nach der politischen Vorherrschaft in der Welt zu streben, wie man es schon lange vor dem Kriege und besonders während des Krieges argwöhnte, und wie Frankreich es noch heute behauptet, um die strengen Blicke der Welt von sich selbst abzulenken...

Die Lösung des deutsch-brasilianischen Problems wurde im ungeeigneten Zeitpunkt versucht – während des Krieges. Bei dieser Gelegenheit war der Haß gegen Deutschland und die Deutschen ungeheuer. Wir hatten es zugelassen, daß die Kolonisation Wurzel faßte, aber niemals hatten wir dafür gesorgt, daß die Kinder Lehrer erhielten, sodaß sie nur deutsch sprachen und deutsch lernten. Niemals wiesen wir die Erwachsenen auf die Vorteile hin, Brasilianer zu sein, um das wichtige Recht zu genießen, an unseren politischen Leben teilzunehmen. Wir nahmen von diesen Leuten alles, was sie uns aus ihrer Landwirtschaft und Industrie geben konnten, wir erhoben von ihnen Steuern für unsern großen Aufwand, errichteten ihnen keine Schulen als Gegenleistung, gaben ihnen keinen Unterricht und nicht die geringsten Kenntnisse von

## **A língua dos brasileiros**

Sob este título o professor Backheuser, presidente da “Sociedade Brasileira Amiga da Cultura Alemã”, publicou no “Jornal do Brasil” de 4 de julho o segundo artigo sobre a questão da língua portuguesa, como fruto de sua viagem ao Sul. Ele parte do fato de que existem brasileiros que não sabem se expressar em português. O que poderá ser feito?

Aqueles que querem resolver esta difícil questão nacional sentados em poltronas de um café ou passeando pela avenida, sem sequer terem estado por este interior, com certeza vão exigir que estes questionáveis brasileiros sejam exilados. É muito fácil resolver tais assuntos usando para isto a caneta. Mas aqueles que forem verificar “in loco”, com certeza vão usar de mais critério antes de tomarem uma decisão.

Todo brasileiro deve dominar o vernáculo. Na opinião do professor Backheuser esta é uma exigência natural. E como se encontram as circunstâncias no Sul? Vejamos o que ele tem a dizer.

“De todos os estrangeiros que se estabeleceram no Brasil, são os alemães que mais temor inspiram, se bem que o mesmo problema atinge os demais que não falam o português. Mas aos olhos dos brasileiros da “Avenida” o que mais preocupa é o perigo alemão. Um dos motivos é que o povo alemão se encontra no mais alto grau de cultura, por outro lado acham que eles poderiam aspirar ao domínio político mundial. Esta desconfiança já havia bem antes da guerra e se acentuou durante a mesma. A França ainda hoje faz esta afirmação com o intuito de desviar a atenção do mundo de si própria.

A solução do problema teuto-brasileiro foi tentada durante a guerra, num momento inoportuno. Naquela ocasião, o ódio contra a Alemanha e os alemães era enorme. Permitimos que a colonização criasse raízes, mas nunca nos preocupamos se as crianças tinham professores. E é por esta razão que apenas aprenderam o alemão. Nunca demonstramos aos adultos a vantagem de serem brasileiros, a fim de terem seus direitos assegurados e participarem da vida pública. Nós lhes tomamos tudo o que nos podiam dar da agricultura e indústria, nós exigimos o pagamento de

dem Lande, das sie bewohnten, weil man sie dahin gerufen hatte. Es war eine Handvoll von Leuten, die abseits lebten. (Sie machen in den drei Südstaaten immerhin etwa 400 000 Köpfe aus). Die Brasilianer, die von Deutschen abstammten, wurden von den anderen Brasilianer "Deutsche aus Santa Catharina" genannt. Das lastete auf ihnen wie ein Schandfleck (?), denn es bedeutete, daß wir sie nicht als unsere Brüder, als unsere Landsleute betrachteten. Anstatt ihnen entgegenzukommen, wenn sie sich uns näherten, haben wir sie zurückgewiesen. Nur einem oder dem anderen gelang es, emporzukommen".

(Das Wort "Schandfleck" müssen wir beanstanden. Es könnte mißdeutet werden. Die Brasilianer deutscher Abkunft in Santa Catharina haben sich des deutschen Namens nie geschämt. Die Schriftleitung).

"Es waren jedoch nur wenige die emporstiegen. Die große Masse blieb in der Reihe, machte Butter und Schmalz und wurde mißachtet, zugleich aber gefürchtet und sogar gehaßt. Sie widmeten sich ihrer Arbeit, im Stich gelassen von den öffentlichen Gewalten, welche die Mittel für Schulunterricht sparten, weil diese Leute selbst dafür sorgten dank den Bemühungen der katholischen Ordensgeistlichen und der evangelischen Pastoren, die in Deutsch unterrichteten.

Plötzlich kam der Krieg. Alles änderte sich. Die deutsche Gefahr zeigte sich in ihrer ganzen Schrecklichkeit. Nun wollte man in zwei Tagen den Irrtum von hundert Jahren gut machen. Und es wurde nach jener Gegend ein Schulinspektor geschickt. Ein begeisterter Franzosenfreund, um mit einem Male die deutschen Schulen aufzuheben und portugiesische an ihre Stelle zu setzen. In einem Jahre sollten alle Portugiesisch können, und dann war die Krisis beschworen.

So wollten die hiesigen Staatsmänner das Problem lösen, mit Feuer und Schwert. Niemand dachte daran, daß es mit sanfter Überredung besser gehen würde als mit Gewaltmitteln. Niemand überlegte, daß, wenn jene Brasilianer nicht Portugiesisch sprachen, dies nicht ihre Schuld, sondern die unserer Regierungen war, welche für die große Sache kein Interesse gezeigt hatten.

Die Ankunft des Schulinspektors wirkte, als wenn ein Orkan über die Gegend hereingebrochen wäre. Spuren der Verwüstung habe ich noch jetzt nach vier Jahren wahrnehmen können. Aber nachdem die Ruhe wiederhergestellt ist und der Haß des Krieges sich verflüchtigt hat, scheint mir die Gelegenheit günstig, über die Ergebnisse dieser gewaltsamen Nationalisierung zu sprechen, die nach meinem Dafürhalten eine gegenseitige Wirkung gehabt haben. Darüber in einem folgenden Artikel".

impostos para cobrir nossos elevados gastos, mas em contrapartida não construímos escolas para seus filhos. Não lhes ensinamos nada, nem sequer os conhecimentos básicos do País no qual viviam e para o qual haviam sido chamados. (*São 400 000 pessoas nos estados do Sul*). Os brasileiros descendentes de alemães eram chamados os “alemães de Santa Catarina”. Era uma mácula que pesava sobre eles, pois significava que não os considerávamos como irmãos e compatriotas. Nós os rejeitávamos quando tentavam se aproximar. Apenas alguns conseguiram prosperar.

*(Precisamos reavaliar a palavra “mácula”, pois poderia ser mal interpretada. Os brasileiros descendentes de alemães em Santa Catarina jamais se envergonharam de seu nome. A redação).*

Contudo foram poucos os que prosperaram. A grande maioria ficou estagnada, fabricando manteiga e banha. Eram desprezados, mas ao mesmo tempo temidos e até odiados. Eles dedicavam-se ao seu trabalho. Abandonadas pelo poder público, o qual economizava com os meios para o ensino escolar, estas pessoas ajudavam-se mutuamente graças ao esforço dos padres católicos e dos pastores protestantes que lecionavam em alemão.

De repente eclodiu a guerra e tudo se modificou. O perigo alemão mostrava-se com todo o horror. Então quiseram consertar o erro de cem anos em apenas dois dias. Um inspetor escolar, um entusiasmado admirador dos franceses, foi enviado àquela região para substituir de uma só vez as escolas alemãs por escolas de língua portuguesa. Em um ano todos deveriam saber o português e assim a crise estaria contornada.

Assim os nossos governantes queriam solucionar o problema, a ferro e fogo. Ninguém havia pensado que o diálogo seria melhor do que a força. Ninguém refletiu que a culpa não era destes brasileiros em não falarem o português, mas sim do nosso governo que não havia demonstrado interesse por esta grande causa.

A chegada do inspetor teve o efeito de um furacão. Depois de quatro anos ainda percebi sinais de sua devastação.

Agora depois da paz estabelecida e com o ódio de guerra aplacado, acho que a oportunidade é propícia para debater sobre esta forçosa

Hier ist zu bemerken, daß der betreffende Schulinspektor schon vor Ausbruch des Krieges nach Santa Catharina gekommen war. Was verheerend wirkte, war nicht seine Ankunft, es waren die Verordnungen, die erlassen wurden, nachdem Brasilien an Deutschland den Krieg erklärt hatte. Sofort wurden alle Schulen mit deutscher Unterrichtssprache geschlossen, ohne daß für genügenden Ersatz gesorgt werden konnte. Und so sind zahlreiche Kinder in schulpflichtigem Alter zwei Jahre ohne jeden Unterricht geblieben.

### Lokalnachrichten

Der Urwaldsbote, 10 de julho de 1934

**Deutschsprechen verboten.** So kann man es jetzt in den Amtsstuben unserer Behörden lesen, und wer dem zuwiderhandelt, riskiert, daß er in Nummer Kittchen abgeführt wird. So erging es unserem Mitbürger, Herrn Woldemar Odebrecht, der überdies die Sprache des Landes fließend spricht. Trotzallem machte er kürzlich mit den "schwedischen Gardinen" Bekanntschaft. Das muß wunder nehmen, denn Herr Woldemar Odebrecht ist hier bekannt als stiller, ruhiger Mensch. Ist es vielleicht ein Unrecht, daß er zum Vater den verdienten Ingenieur Emil Odebrecht hatte, der sich auf dem Gebiete des Vermessungswesens hier im Lande unbestrittene Verdienste erwarb und zur alten Garde des Grafen Capanema gehörte? Das scheint heute im Lande vergessen zu sein, auch das, daß dieser Treffliche sein neues Vaterland mit der Waffe im Paraguaykriege verteidigen half. Der Sohn trägt den Namen seines Vaters mit Ehren, er hatte es aber anscheinend dem deutschen Namen zu verdanken, daß man ihm am Indayal plausibel machte, wie er sich jetzt hier im Lande zu betätigen habe. Wir bringen das Geschehnis ohne Kommentar; unsere Leser werden aber den Vorfall entsprechend zu werten wissen.

nacionalização, que em meu parecer teve um efeito contrário. Sobre isto escreverei num próximo artigo.”

Quero registrar que o dito inspetor escolar veio antes da guerra para Santa Catarina. Não foi sua chegada que teve um efeito devastador, mas sim suas ordens expedidas depois que o Brasil declarou guerra à Alemanha. Todas as escolas de ensino alemão foram imediatamente fechadas, sem terem providenciado a devida substituição. Por tudo isto inúmeras crianças em idade escolar ficaram quase dois anos sem qualquer ensino.

### Notas Locais

Der Urwaldsbote, Terça-feira, 10 de julho de 1934

**“Proibido falar alemão”**, este aviso agora se encontra em todas as repartições públicas e quem ousar não cumprir esta determinação está sujeito a ser preso. Isto aconteceu ao nosso conterrâneo Sr. Woldemar Odebrecht, o qual fala perfeitamente português. No entanto, mesmo assim ele foi preso. Este fato causou espanto, pois o Sr. Woldemar Odebrecht é conhecido como sendo um cidadão pacato.

Com certeza é uma injustiça, sendo ele filho do conceituado engenheiro Odebrecht, de mérito incontestável pelos serviços prestados como agrimensor e também como integrante da guarda do Barão de Capanema. Ao que parece isto foi esquecido e também que este notável cidadão defendeu sua nova pátria, o Brasil, na guerra contra o Paraguai.

O filho sempre honrou o nome do pai, mas tudo indica que foi por causa deste nome alemão que precisou ouvir em Indaial como deveria se portar de agora em diante.

Nós registramos este acontecimento sem comentários, mas nossos leitores com certeza saberão interpretar o acontecido.

**Blumenau  
rumo ao  
sesquicente-  
nário de  
Fundação**

---

**Cartas  
aos Pais e  
Parentes  
(15/9/1849 a  
02/01/1850)**

Texto:

*DR. HERMANN  
BRUNO OTTO  
BLUMENAU\**



**Carta N.º 21**

Lauterberg, 15 de setembro de 1849.

Minha querida mãezinha!

Acabei de receber sua carta pelo correio e apresso-me em pedir-lhe, que envie Rockstädt aqui na próxima semana na sexta-feira, ou melhor, no sábado, portanto dia 21 – 22, para que ele me apanhe, .....

Parto amanhã bem cedo e penso chegar até Ershausen, ficar lá o mais tardar até quarta-feira e estar de volta na quinta-feira, onde, na sexta-feira e no sábado, preciso receber do Dr. Ritscher instruções de comportamento para o meu tratamento à distância e ele quer também transmiti-las ao seu filho, que pretende enviar na próxima primavera para Santa Catarina.

Caso Rockstädt não possa ficar longe domingo, que venha então já na sexta-feira.

Fique bem, etc. etc...

Seu filho fiel

H. Blumenau

---

\* Natural da Alemanha – Hasselfelde, fundador da Colônia Blumenau em 02/9/1850.

Tradução: **Valéria Mailer.**

**Carta N.º 22**

Blankenburg, 12 de outubro de 1849.

Querida mãezinha!

Cheguei tarde ontem à noite e devo permanecer hoje aqui por causa do mau tempo, mas penso ir amanhã para casa. Tenha a bondade de mandar desempacotar as caixas com as sementes e as cebolas de Berlim, mas bem depressa, para que as mesmas não embolorem com as cebolas úmidas, conforme me recomendou o jardineiro em Berlim. Você só precisa mandar tirá-las da caixa e espalhá-las pelo chão da dispensa; quando chegar, eu as separarei. Só tenho medo que apodreçam, o que seria trágico para mim.

.....

Fique bem, minha mãezinha!

Seu filho fiel

H. Blumenau

**Carta N.º 23**

Braunschweig, 2 de janeiro de 1850.

Tive tão pouco tempo em Blankenburg para escrever-lhe, minha querida e boa mãezinha. Emilie deve ter-lhe escrito como eu estava ocu-

pado, de modo que só segunda-feira ao meio-dia consegui partir. Tive assim, no trem, um triste natal, pois cheguei somente às 10h e 30 min, quando tudo já terminara. Mas não foi possível de outra forma, pois tive muito que fazer e se não tivéssemos que esperar em Oschersleben pelos trens atrasados eu teria chegado duas horas antes e poderia ter participado dos festejos natalinos. Eu estava tão cansado nos dois dias de festa e o tempo estava péssimo; que nem saí e ficamos todos tranqüilos em casa.

Como eu gostaria de ter ficado estes dois dias ainda contigo, minha querida e boa mãezinha. Não tem lugar melhor do que junto de você, sob seus cuidados e sua fiel mão maternal. Como gostaria de ficar sob sua proteção, sob seus olhos e como gostaria de alegrá-la e consolá-la quando o pai a atormenta com seu mau humor. Mas infelizmente não é sempre possível fazer o que gostaríamos e o destino implacável se interpõe no movimento da vida humana – assim devemos procurar consolo na esperança de um futuro melhor – apoiar-nos na mão delicada que dirige todos nossos destinos e esperemos que nos conduzirá novamente ao convívio tranqüilo e confiante, no qual temos vivido agora novamente por quase meio ano.

Cuide de si, mãezinha, não se esforce e não se aborreça com aquilo que não se pode modificar e não transforme sua vida num fardo, pense em seus filhos, entre os quais também estou e eu não seria feliz se não pudesse revê-la novamente por pelo menos mais uma vez nesta vida.

Que meu quarto agora está silencioso, acredito, pois nas últimas semanas fiz bastante barulho – e eu sinto bastante saudade dele, quando paro com meus afazeres para refletir um pouco. Era tão bom trabalhar lá e quando eu descia para a mesa e para o café – foram dias maravilhosos! Deus permita agora que eu o habite por mais uma vez e que possamos então conversar novamente sobre as novidades. Dificilmente posso partir com os navios de janeiro, se não ficarem retidos mais tempo pelo gelo; pois eu ainda tenho muito que resolver e que empacotar, apesar de já ter feito alguma coisa. Não é tudo como junto de minha querida mãezinha, onde tinha muito mais espaço e não precisava presenciar desagradáveis cenas familiares, que muitas vezes são constrangedoras.

Você recebeu o xarope de lírio marinho? Espero que lhe faça muito, muito bem! Use também bastante o álcool de cânfora.

Eu recebi ainda a enciclopédia doméstica e fiquei muito contente.

Emilie certamente lhe escreveu, ela queixa-se que não teve tempo e teve muitos aborrecimentos, que a desanimaram bastante. Não é possível modificar seu marido e a pobre Emilie tem que carregar sozinha as responsabilidades.

Na próxima carta escrevo mais, minha cara mãezinha.

Seu filho fiel

H. Blumenau

### Carta N.º. 24

Braunschweig, 2 de janeiro de 1850.

Meus queridos pais!

Já faz oito dias que estou aqui e somente hoje consegui escrever-lhes algumas palavras, o porquê não preciso dizer, pois vocês sabem que tenho muito que fazer.

Escrevemos agora 1850 – um novo ano está à nossa frente com esperanças e receios, com alegrias e tristezas. O que ele nos trará, e o que devo dizer-lhes neste início de ano? Repetir os freqüentes votos sinceros de saúde e longevidade, de alívio pelo peso da idade, de dias alegres e bonitos, de sossego e contentamento, para que se poupem de preocupações, sofrimentos e aflições? Vocês me conhecem e o meu amor por vocês. Vocês sabem, que para um filho agradecido a felicidade e o bem estar de seus pais, interior e exteriormente, física e espiritualmente, são a sua própria felicidade – desse modo eu só desejo agora que o céu me

conceda a mais alta alegria de poder abraçá-los mais do que uma vez, e face a face exprimir-lhes com palavras ternas e reais meu amor e meu agradecimento, que uma folha de papel fria e insensível só pode reproduzir imperfeitamente. Que o céu me atenda, só é meu desejo – para todo o resto o homem apenas pode atuar indiretamente e deve deixar nas mãos do destino, se a semente que ele semeou com honestidade e trabalho, brotará ou será aniquilada.

Em Blankenburg desde sexta-feira até minha partida na segunda-feira ao meio-dia, nada mais fiz que correr e empacotar, de forma que cheguei aqui à noite, exausto. Os dois dias de festa também me afetaram muito e não tinha disposição para mais nada. Desde então já fiz muita coisa, mas ainda tenho muito o que fazer. Minhas plantas, as sementes e o aparelho de destilação me ocuparam quase que totalmente. Mas aos poucos estou chegando ao fim, e com o resto vai ser mais rápido. Protegi minhas plantas contra geadas e estão guardadas na estufa ducal, o que foi um grande alívio para mim. O dia exato de minha partida ainda não posso dizer, porque espero notícias de Antuérpia relativas aos navios que estão bloqueados pelo gelo. Mas espero que não demore muito.

Reinhold é muito útil aqui, está me auxiliando no empacotamento etc. e posso me aconselhar com ele também sobre outras coisas, o que é muito bom para mim.

Outras cartas esperam ainda por respostas e Reinhold (Gärtner) também está aqui novamente para empacotar, portanto adeus por hoje etc. etc...

Seu filho fiel

H. Blumenau

### **Blumenau: Idéias e Conhecimentos para um futuro Plano Diretor**

Texto:

**AZIZ NACIB  
AB'SABER\***



*Um bom plano diretor para Blumenau e os problemas relacionados com um planejamento urbano envolvendo um adequado uso do solo, sua estrutura geomorfológica em harmonia com a ocupação humana tem sido um tema sempre constante e atual.*

*No ano de 1986, estive em Blumenau o renomado **Dr. Aziz Nacib Ab'Saber**, que apresentou uma palestra sobre o assunto, com sugestões às autoridades e líderes da comunidade local.*

*Em 1989, reapresentou-a na Câmara Municipal de Vereadores de Blumenau.*

*Esta fala foi gravada e transcrita. Assim, recebemos das mãos do arquiteto **Dr. Hans Broos** uma cópia, a qual publicamos nesta edição por julgarmos uma fonte de pesquisa e conhecimento sobre a temática.*

*Para introduzir este documento, **Dr. Hans Broos** produziu um texto intitulado: “As Técnicas e suas razões de aplicação no planejamento urbano”, que antecede a palestra do **Dr. Aziz Nacib Ab'Saber**.*

### *AS TÉCNICAS E SUAS RAZÕES DE APLICAÇÃO NO PLANEJAMENTO URBANO*

Hans Broos

O processo de Planejamento Urbano, suas etapas de execução e a lógica de definição dos atributos são conseqüências da História e do Meio Ambiente de um núcleo urbano, qualquer que ele seja.

O estágio da evolução histórica associado com a previsão do futuro são determinantes. Representam as bases para os preparativos por meio do Planejamento e determinam o correspondente Processo do Trabalho. Tem importância igual, o conhecimento da rede urbana à qual a cidade pertence, o posicionamento da cidade na hierarquia dos núcleos urbanos regionais, as funções urbanas predominantes, assim como, a conjuntura urbana.

Blumenau, uma cidade industrial de renome no Sul do Brasil, pode ser considerada um exemplo, para várias outras cidades médias brasileiras em processo de desenvolvimento.

Até certo ponto, é uma “cidade surpresa”, sob o ângulo de visão dos descendentes dos colonizadores alemães, instalados na região.

Seu sítio foi escolhido pelos fundadores no intuito de produção agrícola em pequena e média escala, em uma planície aluvial relativamente estreita.

Percebe-se pela topografia e pela sua organização interna, o desejo dos fundadores de se localizarem em ambiente atrativo para pessoas ligadas à Natureza. Porém o acúmulo da população e as energias com ela importadas, ultrapassaram as grandezas originalmente imaginadas. A fama de prosperidade e de ordem atraiu várias ondas de emigrantes, com capacidade acima do previsto. Desta forma o sítio ganhou destino diferente, tanto na grandeza, como no conteúdo. Sua grandeza visualizada para 20.000, já em 1927 contava com 100.000 e hoje tem mais de 200.000 habitantes.

A primeira onda incentivadora do século passado chegou ao redor do 1880, com as famílias de industriários têxteis, dando início à época chamada “de Fundadores”. Em conseqüência, se instalaram as fábricas têxteis e complementares. No decorrer do tempo o destino de Núcleo Campestre se transformou em Centro Industrial.

Os impulsos neste sentido levaram rapidamente à ampliação e diversificação das funções urbanas, fatos de grande influência na estrutura, composição social e funcionalidade do organismo urbano.

A produção agrícola se deslocou para os bairros periféricos e para os setores vizinhos, do Baixo e Médio Vale do Itajaí.

Em conseqüência do crescimento industrial, surgiu a partir de 1950 a segunda onda de emigrantes, de todos os cantos do Brasil. A fama de mão-de-obra e a promessa de melhoria nas condições de vida, repetia-se pela segunda vez, após cem anos de existência de Blumenau.

A partir desta época, surgem núcleos industriais satélites da cidade matriz na periferia e nos arredores, devido à oferta de trabalho para a população excedente, provinda do campo, e ocorreu uma forte expansão peri-urbana, aumentando desta forma o volume de produção. Estes acontecimentos fogem completamente aos moldes previstos pelos fundadores.

Hoje assistimos a terceira mudança da evolução. A cidade, enfrentada pelo desafio secular, ou seja, pela definição da sua estrutura para o futuro. Suas bases vigentes, porém são os moldes urbanos de então, da Colônia, de um Sítio Agrícola dos primeiros emigrantes, fatos que nos remetem sempre à apreciação de algumas heranças dos tempos iniciais da colonização:

- pela divisão das terras, em aproveitamento da topografia;
- pelo crescimento dos eixos viários, ao longo dos rios;
- os bairros sem adequada interligação entre si;
- pelo uso misto do solo e outros processos interferentes.

A cidade, durante sua história, mudou completamente o rumo. Porém ainda não chegou à conscientização desses fatos. Em conseqüência, sua estrutura, seus caminhos, sua rede de bairros, suas funções administrativas, sua definição de uso do solo, suas divisões de terras, e a pressão da cidade sobre as vertentes íngremes e outros mais, não foram adaptados à situação nova, que permita sua projeção ao futuro.

Existem muitas cidades famosas, cujas fundações se baseiam em intuítos diferentes às de seu porte atual; porém a adaptação às novas condições obedece a um intervalo de cem anos ao máximo.

Enfrentando a terceira fase de sua evolução, a cidade de Blumenau permanece ainda com a estrutura urbana de um sítio agrícola de 1850. Daí surgindo enormes dificuldades: no trânsito, na definição dos espaços para instalações urbanas, hospitais, escolas, centro cívico, áreas de encontro e descanso para a população, áreas de usos múltiplos de produtividade industrial e comercial, tradicionais ou complementares.

Ultimamente sua nomeação de Centro Metropolitano demonstra vividamente o aumento de desafios, enquanto sua estrutura permanece limitada aos padrões estruturais do passado.

O centro ainda hoje é o nó de trânsito entre os bairros, cuja implantação topográfica favorece o isolamento de cada qual, ao invés de os unir pela estrutura viária em um conjunto integrado. Cada núcleo requer sua tranqüilidade, sem prejudicar sua vida pelo barulho e pela movimentação, prevendo-se o crescimento e adensamento de uma rede de núcleos conjuntos, porém mais facilmente intercomunicáveis.

A cidade não sabe para onde se dirigir. Representa um aglomerado sem definição, não permitindo um equilíbrio a um sítio topográfico e natural, dotado de tanta beleza.

Este fato é contrário ao espírito dos fundadores e das energias intelectuais que no decorrer do tempo se reuniram pela ocupação de um sítio de rara beleza natural.

As considerações básicas naturais para resolver os problemas vitais do organismo urbano de Blumenau, podem ser listados, nos seguintes termos:

- Sua unidade integrada; sua integração à natureza, e, sua concepção específica de diálogo entre volumes naturais e construídos, que no final levam ao espírito da cidadania com projeção na mentalidade da sociedade urbana, vista em seu todo.

Destas simples considerações resulta a necessidade de um correto trabalho de planejamento, em uma seqüência de, pelo menos, três fases, todas dirigidas à melhoria da funcionalidade do presente e do futuro.

- Levantamento das condições geológicas naturais e demográficas e fixação dos mesmos em mapas e tabelas.

- Elaboração de uma idéia urbana através de um Plano Ordenador, projeto a ser corrigido, criticado e alterado até corresponder às necessidades funcionais, ambientais, psicológicas. Tudo muito bem apoiado no conhecimento da ecologia urbana, com forte atenção para os excluídos, por ventura identificáveis.

- Daí resultará um Plano Diretor aberto, de forma a poder receber as correções de adaptação às exigências da evolução de um corpo urbano - sujeito às contínuas modificações.

O Plano Diretor representa o resultado das pesquisas e trabalhos preparatórios, anteriormente mencionados.

- A integração do Plano Ordenador e do Plano Diretor a um Plano de Supervisão regional: o tão chamado "Master-Plan" para a zona metropolitana, que representa a coordenação dos planos "distritais", entre si, no interior da micro-região de Blumenau.

### BLUMENAU: IDÉIAS E CONHECIMENTOS PARA UM FUTURO PLANO DIRETOR

Aziz Nacib Ab'Saber

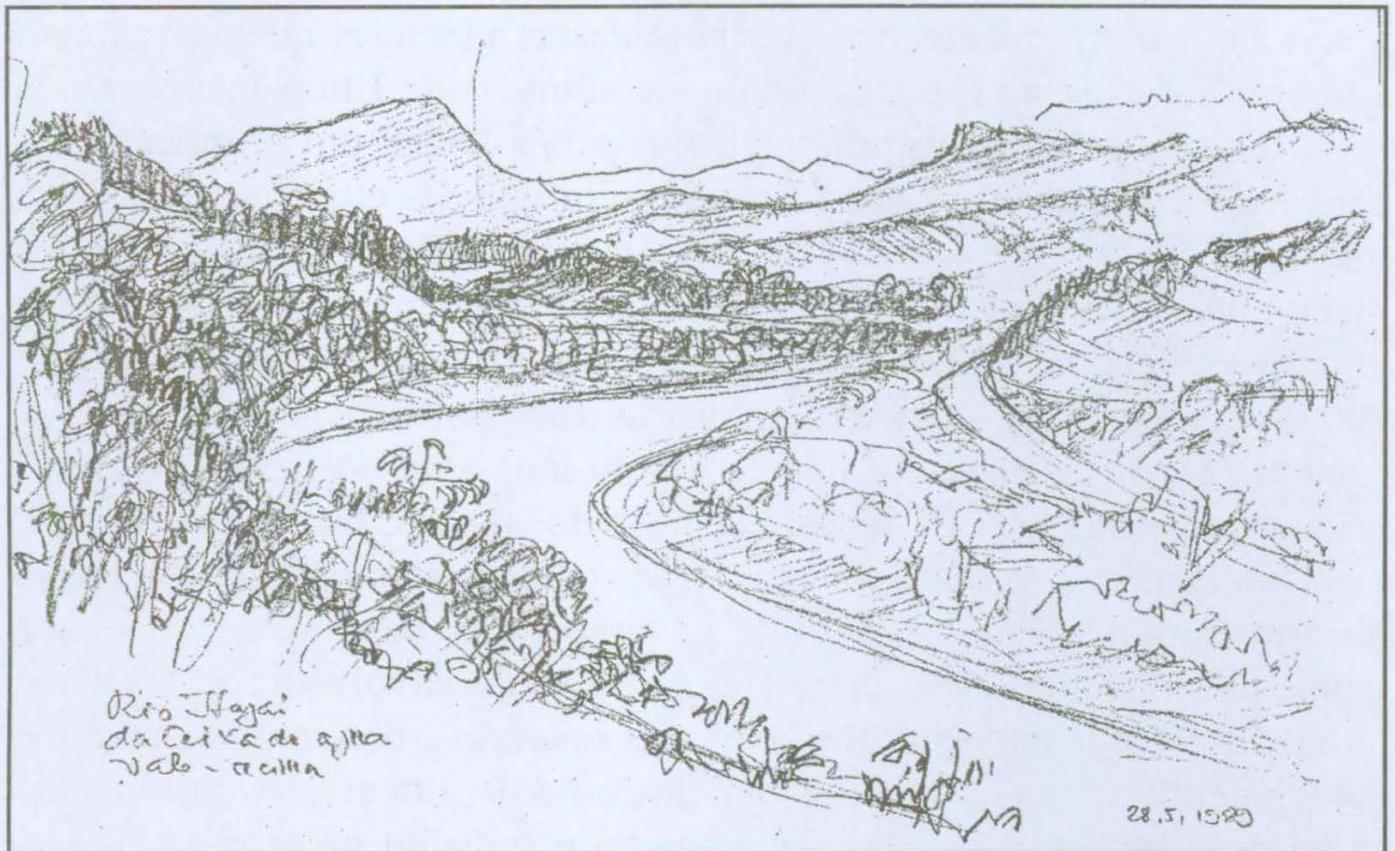
O que vai se registrar neste trabalho é um conjunto de observações feitas ao ensejo de duas épocas de pesquisa. Uma, há uns 3 ou 4 anos atrás, em 4 dias de trabalho de campo. E, outra, mais recente, feita neste mesmo mês de abril de 1986, através de 3 dias de excursões de campo. Por isso, o tempo de observação pode ser considerado curto. Mas foram observações intensivas e também controladas em mapas e cartas, de tal maneira que já existe um rol de conhecimentos a registrar.

A preocupação principal das pesquisas diz respeito ao sítio urbano de Blumenau. Os conhecimentos sobre o sítio urbano da cidade em termos de geomorfologia, ainda são relativamente precários. Existem fotografias aéreas. Existem plantas muito boas. Existem cartas razoáveis. Existem também imagens de radar e de satélite que abrangem uma área bastante grande, muito além da bacia do Rio Itajaí. Entretanto, ainda não se fez um trabalho de geomorfologia mais detalhado, sobre a região. O principal problema do sítio de Blumenau, diz respeito ao fato de que a cidade nasceu e cresceu no piemonte de uma região serrana que é uma espécie de filial da Serra do Mar na região de Santa Catarina, a chamada Serra do Itajaí. Tem de 700 a 750 metros, um pouco mais um pouco menos, nos seus pontos mais altos; não existindo escarpas, em forma de paredão do tipo da Serra do Mar. Ao contrário, a serra desce para a região sub-litorânea sob a forma de degraus irregulares e várias barras de rochas duras dirigidas de Oeste-Sudoeste para Leste-Nordeste. E, por fim, entre as barras de rochas duras que formam uma espécie de espigão fragmentado no sopé da região montanhosa, ocorrem alvéolos: planícies alveolares interdigitadas por entre esporões pré-serra de Itajaí. Então, o nosso problema principal diz respeito a uma cidade que nasceu e cresceu na beira do rio, em uma área semi-serrana nas proximidades de um sítio onde outros pequenos rios laterais se entroncam com o vale principal,

todos eles possuindo pequenas planícies próprias, sendo que o rio principal possui uma planície menor do que as próprias planícies dos seus afluentes; fato, que limita bastante a possibilidade de crescimento da cidade ao longo do rio principal e facilita a interpenetração de bairros e de setores de Blumenau pelos vales secundários dos seus afluentes.

Há que se ter uma idéia do que seja um alvéolo em geomorfologia. Um alvéolo é uma planície que tem a forma de uma espécie de depressão de um grande buraco entre morros e que foi originada pela concentração de drenagem, ao longo de um certo tempo que pode ser ou mais curto ou mais longo. No caso de Blumenau, a origem desses alvéolos é de longa duração, houve várias etapas do desenvolvimento da drenagem com aplainamentos, formação de patamares e terraços, e novas retomadas de erosão. De forma que existem os morros, alguns terraços, planícies mais recentes, embutidas nesse setor do Vale do Rio Itajaí.

Este sítio não foi escolhido deliberadamente para uma cidade. Foi uma área de solos aluviais e de solos de terraços e encostas baixas, que mereceram a atenção dos primeiros colonizadores: os pioneiros da região, para fins de uma colonização dirigida, orientada, supervisionada, até certo ponto envolvendo colonos alemães, em uma fase em que era preciso destruir as matas das planícies e dos terraços e das encostas para se conseguir espaços agrários para as atividades dos primeiros colonos. Na realidade se conhece bem a história da colonização regional feita pelo Dr. Blumenau e seus companheiros. Ele fez uma exploração prévia a partir da boca do Rio Itajaí; subiu o rio por algumas dezenas de quilômetros, até encontrar a primeira cachoeira. A partir daí, eles fizeram o acampamento e se dirigiram para os afluentes que se reúnem na própria região: o Garcia, o Velha, o Benedito, o Encano. Estas explorações, porém, acabaram por fixar a idéia de que o núcleo deveria estar à jusante das cachoeiras, para facilitar a circulação fluvial, então única na época. Desta forma a cidade nasceu amarrada no piemonte da Serra do Itajaí, abaixo da primeira cachoeira. Este é um fato que já, desde há muitos anos foi registrado pelo Prof. Monbeig. Pierre Monbeig, meu mestre, registrou os fatos principais nas excursões de campo, em um congresso científico em que ele era o guia e o orientador.



## Rio Itajaí da caixa d'água Vale acima

A partir de uma certa época, a colônia perdeu força para a cidade. A aglomeração urbana cresceu mais rápido do que as velhas colônias que eram restritas a 200 metros de frente, para cada lote aproximadamente, onde durante muitos anos houve uma produção agrícola diversificada, à moda européia, com produtos de várias procedências (cereais, batata e milho, sobretudo). Num sincretismo de produção de interesse para a sobrevivência do colono e para um pequeno comércio com as cidades costeiras, o mercado a que se destinava esta produção era pequeno. E, por outro lado, à medida que o piemonte da Serra ganhou algumas circulações intermunicipais e se estenderam depois, até mesmo em estradas de ferro e muitos caminhos vicinais, a urbanização ganhou campo sobre a vida agrária. Em função disso, os espaços que foram das primeiras colônias, gradualmente foram ocupados pela cidade, sobretudo quando houve uma implantação industrial baseada em têxteis e que teve um sucesso extraordinário na região, levando pequenas empresas industriais

a se localizarem em diversos recantos destas planícies que se reuniam aproximadamente no espaço da antiga colônia, onde Blumenau passou a servir de centro de apoio principal. Então nós temos um problema fundamental. Esses alvéolos que não são muito grandes e que são sujeitos a inundações naturais e provocadas por devastação da floresta, com o aumento muito grande das enchentes e do nível das águas, este sítio, hoje, é um sítio urbano de uma cidade de porte médio para cima, com mais de 200.000 habitantes e com uma industrialização que, pela sua tipologia, encontra em Blumenau exatamente o pólo industrial dos mais importantes existentes na América do Sul. Trata-se dos têxteis, toalhas, fibras para camisas, camisetas e outros artigos ligados a esse tipo de indústria. Disso decorre que a cidade tenha um péssimo sítio para as funções que granjeou, à medida que a industrialização se desenvolveu e cresceu em termos de área residencial dos primeiros operários, dos industriais e dos comerciantes. E, em acréscimo, ganhou corpo por um afluxo constante de cidadãos que vêm à procura de emprego e trabalho na própria cidade, gente que não têm condições fáceis de se implantar, devido ao alto custo da terra e a exiguidade dos espaços urbanizáveis. E uma cidade nascida de uma colonização de alemães faz tudo para evitar a presença de favelas.

O sítio da grande Blumenau está ligado à existência de planícies de inundação entre morros, em conjunto de alvéolos desdobrados. Isso significa que existem planícies interdigitadas por entre morros de diferentes alturas, alguns situados a 50 metros acima da planície; outros a 70, 80, 100; e, alguns até em alturas maiores, enquadrando irregularmente estas planícies, oriundas de milenares inundações.

O principal problema técnico está em compreender como se formam as planícies de inundação. A planície de inundação é fruto do transborde das águas - ano a ano - por cheias e, de período em período, por enchentes. Então a planície já está correlacionada com o transbordamento das águas, mesmo numa situação em que a presença interferente do homem não esteja relacionada com o espaço onde ela se desenvolve. De um modo geral, o transborde anual ou periódico das águas ocasiona sedimentação aluvial, fazendo crescer, em área e em altura, a pilha de sedimentos e o espaço de aluviação. Isto, porém, fica inteiramente modificado quando a vegetação da área da planície, menos sujeita às cheias, é

eliminada e, sobretudo, quando as bacias dos pequenos organismos fluviais, dos afluentes que vêm ter aos alvéolos são parcialmente devastadas. A presença do homem, a projeção da sociedade sobre o espaço das bacias hidrográficas que se concentram nos alvéolos, é que determinam uma aceleração do processo de transbordos, multiplicando a possibilidade de enchentes, ao invés de apenas simples cheias. Podem ocorrer, ainda, perturbações climáticas e hidrológicas locais, com a ampliação das enchentes. E por fim, pode existir uma certa ampliação do nível das águas de transborde. Isso tudo, está acontecendo ao mesmo tempo, na região de Blumenau. O sítio da cidade, que era uma planície de inundação, fruto de cheias e enchentes do passado, muito ativas, agora tem atividade desdobrada do organismo fluvial em função do desmatamento ao longo das diferentes sub-bacias que ali se concentram e também do desmatamento no curso do alto Vale do Itajaí que vem lá de cima. Lá do planalto. Um conjunto de serranias sujeito a enormes setores de eliminação de florestas, para fins de utilização agrária. Por essa razão, o sítio urbano está sob o impacto de fatores climáticos, hidrográficos e agrários que acontecem fora da área da cidade.

Num planejamento qualquer em que se procure defender a cidade das enchentes, toda a bacia do Itajaí está em jogo. E sobretudo incluindo as bacias dos pequenos organismos fluviais que se concentram à altura da própria cidade. Disso decorre que o planejamento defensivo do Itajaí frente aos fluxos das águas, que por ali se concentram, depende de uma série de medidas e de propostas, que extravasam a área do sítio urbano central como qualquer técnico poderia observar ou identificar. E, nesse sentido, a contenção da devastação das florestas ao longo das pequenas sub-bacias, existentes nas proximidades da cidade ou mesmo dentro da própria área urbana, é essencial. Ou se controla de fora para dentro - do entorno para o sítio principal - ou não se pode garantir que as cheias possam ser pelo menos minimizadas. O problema de eliminá-las é, portanto, muito mais complexo. Então, uma pesquisa que vise contribuir para diminuir os efeitos catastróficos ou dramáticos das cheias em Blumenau, tem que envolver toda a bacia do rio Itajaí, incluindo sobretudo as sub-bacias dos córregos que vêm ter ao sítio urbano original da cidade, considerando também a compartimentação topográfica do próprio sítio

urbano de Blumenau no sentido de maximizar o uso de certos setores menos inundáveis e, se possível, determinar posturas que impliquem na não utilização, ou em uma utilização mais inteligente e racionalizada, das planícies dos setores varzeanos do baixo Vale do Itajaí. Em síntese, tem que se cuidar de fatos que estão fora do sítio urbano, e que dependem muitas vezes, de propostas mais custosas, através de barragens, no Alto - Itajaí, reservando-se um cuidado especial para os cursos d'água que também possuem suas cabeceiras fora da área "nuclear" do sítio. Sendo obrigatório controlar a devastação e evitar o aumento de cheias nos vales secundários. E em terceiro lugar, cuidar dos fatos que dizem respeito à própria compartimentação rasa, existente nas planícies que servem de sítio para Blumenau.

É fácil de se perceber no sítio de Blumenau o que é um dique marginal; o que é um reverso de um dique, e o que é a depressão alongada, situada no reverso do dique marginal, até ao começo de uma encosta de morro ou de um terraço. A avenida principal Beira-Rio está assentada ao longo da aludida lombada beiradeira, outrora revestida por matas. Nas observações de campo feitas em abril de 1989, surgiu um fator complicador. Via de regra, um terraço fluvial é uma pálea planície: uma planície do passado onde o rio não mais transborda, mesmo em suas maiores enchentes. Na cidade de Itajaí, o problema é muito grave porque o baixo terraço é atingido pelas grandes enchentes. É a primeira vez na minha vida que eu vejo a inundação alcançar a planície, sub-atual, ou seja, um nível de planície que já foi ligeiramente soerguido por uma reescavação. O certo é que a problemática das inundações em Itajaí é mais grave do que o habitual em outros sítios similares. Por outro lado, também isto me deixa bastante preocupado pela falta de conhecimento sobre o comportamento dos transbordos por parte da administração pública. Desde há muitos anos temos tentado alertar a administração pública de Itajaí sobre a necessidade de levar em conta todos esses aspectos. O dique marginal só é atingido pelas grandes enchentes. A planície do reverso do dique marginal pode ser atingida por cheias médias de freqüente penetração. É o caso do reverso da rua comercial principal da cidade, onde tem uma depressão dentro da planície varzeana, a qual foi totalmente urbanizada e está sujeita à penetração das águas, via emboque de águas pela barra do

rio Garcia<sup>1</sup>. Teria sido muito bom, que não se tivesse construído nada neste setor, transformando a faixa de várzea em um pequeno parque, ornamentado com chorões ou similares. O que aconteceu, porém, é que se tratando de uma área contígua à rua comercial principal e à beira alta do rio, o espaço deprimido ficou muito valorizado. E, aos poucos os edifícios ficaram com partes das suas construções em cima desta várzea, sendo que alguns mais velhos foram construídos inteiramente no chão úmido desta várzea.

Outro problema, diz respeito à necessidade de entender essa compartimentação do fundo do vale. Ali existe um baixo relevo ao invés de um plano absoluto. Nas planícies de maré não existe dique marginal, mas em planícies aluviais existe o dique, existe o reverso do dique, e existe a depressão varzeana, aprisionada entre essas lombadas altas e as vertentes dos morros.

Eu gostaria de lembrar mesmo que há que ter um certo conhecimento de geomorfologia aluvial dentro do *know-how* exigível para o planejamento urbano da região de Blumenau. As pessoas têm que saber que o rio transporta sedimentos por rolamento, arrastamento, solução e flutuação. E, que, quando o rio atinge níveis muito altos nas grandes enchentes, ele extravasa o topo do dique, depositando de imediato camadas mais grosseiras: siltes, areias. Para os lados extravazam materiais muito mais finos, compostos das argilas, que estão em solução nas águas, e materiais flutuantes que vieram arrastados pela correnteza, no topo da coluna da água. Isso faz com que a triagem lateral dos sedimentos seja diferencial: os mais pesados ficando mais perto do rio, os mais finos mais longe. E por essa razão se forma e se salienta o dique marginal. O mais importante ainda é o fato de ao ensejo do crescimento do dique marginal - enchente após enchente - medra uma floresta na beira rio, porque ali as raízes das árvores não apodrecem. Trata-se de um processo, ao mesmo tempo geológico, e de exploração biológica do espaço, em que camadas aluviais grosseiras ou ligeiramente grosseiras, crescem mais no dique e, ao mesmo tempo, as árvores nascem e cedem estas camadas, desenvolvendo um

---

<sup>1</sup> O autor se refere ao rio existente na cidade de Itajaí. Desta região vieram os primeiros moradores que se estabeleceram no local onde hoje é o bairro Garcia de Blumenau.

ecossistema florestal de beira rio. Daí porque toda vez que se urbaniza e que se retira esta floresta que cresceu junto com a sedimentação aluvial, tudo se complica.

A floresta dita ripária é o suporte consistente que segura a beira alta do rio. Ao mesmo tempo que crescem árvores biodiversas, elas passam a ser um elemento de travamento da beira do rio. E a tendência, já antiga, que se manifestou fora do Brasil e na Europa e alhures, é de que a cidade não pode ter a floresta virgem na beira do rio. E, sim deve ter uma urbanização que atinja até essa beirada alta do curso d'água. Daí porque, todas as cidades européias têm avenidas de beira-rio em dois planos. Quase sempre no início do crescimento urbano foi catastrófica a eliminação da floresta que mantinha esses diques marginais. E aqui no Brasil é mais difícil ainda o problema da manutenção do dique marginal, caso se elimine a floresta. E em Itajaí e em Blumenau, já aconteceu de tudo. A floresta foi eliminada. Estabeleceu-se uma bela avenida de beira rio em uma esplanada muito bonita, aconteceram construções muito altas. E, ainda, pelo desconhecimento dos fluxos vivos da natureza (quer em termos geocientíficos, quer em termos de exploração biológica) fez-se algumas garagens abaixo do nível do dique marginal, o que significou um convite para a penetração das águas das grandes enchentes. Isto foi constatado há 4 ou 5 anos atrás. E, logo, em seguida nós começamos a trabalhar na proposta de que todos os edifícios do sítio de Blumenau deveriam ser construídos sobre uma arquitetura de pilotis. Mesmo aquelas edificações de cunho comercial, não têm o direito de enfrentar as enchentes, estabelecendo o piso térreo basalmente, tangenciando o dique marginal, porque correm o risco de serem invadidas pelas águas.

O tratamento técnico científico dos compartimentos rasos que existem numa planície alveolar do tipo daquela em que ocorre em Blumenau, exige conhecimentos sobre ecossistemas. Os diques marginais tinham um ecossistema florestal beiradeiro, com um grande número de componentes arbóreos e sub-arbóreos e microorganismos nos solos, que formavam um sistema ecológico biodiverso especial. A partir do reverso do dique para os banhados, ocorria outro ecossistema apesar de muito limitado. E, aí os banhados tinham outras formas de desenvolvimento vegetal, adaptados a conviver com charcos: provavelmente com o aspecto

de um campo submersível de um banhado sem árvores. A árvore não podia se desenvolver por igual no dique marginal e nos banhados; então ali devia existir um ecossistema de campos submersivos que hoje nós não podemos reconstruir porque a cidade tampou totalmente. Para conseguir saber como eram os banhados, seria necessário estudar um pequeno banhado de um setor do Vale do Itajaí, fora do sítio urbano de Blumenau. Assim se tentaria saber como era a estrutura, a composição e a funcionalidade do ecossistema "banhado".

Trata-se de uma tarefa para os botânicos e os ecólogos. Além dos banhados, a partir do terraço iniciava-se a floresta contínua da região de Blumenau, ocupava um espaço muito grande, de alto a baixo. Ela era homogênea e contínua. Portanto há um ecossistema de matas de beirada de rio exíguo no espaço; e, um ecossistema de encostas e de altos de morros, muito bem desenvolvido no conjunto da região. Em outras palavras, existem mais vertentes de morros do que áreas de planície no conjunto desse setor interior do baixo vale do Itajaí. Tais constatações, em termos de estudos básicos para planejamento, exigem um certo zoneamento das planícies que existem desde Itajaí até Blumenau, e pouco além, até perto de Indaial. O baixo vale do Itajaí compõe-se de três tipos de planícies: as planícies costeiras, onde ocorriam restingas e entre elas existiam estreitos banhados inter-restingas. Depois dessas faixas arenosas, planícies - aluviais encarceradas atrás das planícies costeiras, e largas planícies aluviais que ocuparam setores de vales afogados do passado, tendo o aspecto de grandes banhados com apenas uma pequena elevação na beira do rio sobre a forma de dique marginal. Então, à montante do primeiro setor, constituído pela planície costeira, mais arenosa e mais próxima da praia - acontecem banhados imensos que se formaram em função de um afogamento marinho e assoreamento aluvial, efetuados em alguns milhares de anos. E, à medida que secaram essas zonas lagunares, e semi-marinhas, o rio aluvionou com sedimentação fina por um espaço equivalente à antiga área de largos estuários. O segundo setor, na direção da retro-terra é um típico baixo vale fluvial, de zona subtropical úmida, dotada de todos os componentes de uma planície de nível de base. E finalmente vem o terceiro setor que é o setor Blumenau: uma série de pequenas planícies alveolares, embutidas entre terraços e morros, no piemonte das serranias.

Na realidade, o fim do baixo Vale do Itajaí fica na região de Blumenau. A partir de Gaspar as planícies começam a se estreitar e acontece então, já no piemonte dos primeiros esporões subparalelos da Serra de Itajaí, uma concentração de planícies alveolares. E no próprio leito do rio, acontece um salto. O salto era o ponto terminal da navegação tradicional no passado colonial na região.

Isto posto, existe a necessidade de se verificar como está se comportando a vida agrária, e, ao mesmo tempo, a urbanização nesse setor que vai desde o Itajaí até Blumenau e Indaial. Na realidade, o baixo Vale do Itajaí, no seu setor de grandes banhados, ainda é uma região agrícola com pequenos pastos e alguma silvicultura e com tendência para ampliação de atividades silviculturais. Ao longo do eixo da estrada de ligação entre Itajaí e Blumenau vem acontecendo uma ocupação progressiva de pequenos espaços para fins industriais. Mas o espaço principal ainda é dominado por atividades agrárias, a partir de Gaspar, quando as planícies começam a estreitar.

O comprometimento das planícies do rio principal e dos rios afluentes concentrados no alvéolo irregular de Blumenau, é o de servir de sítio urbano para uma cidade de porte médio, em franco crescimento. Nesse sentido, Gaspar tem problemas de exiguidade de espaços porque ali a planície começa a se estreitar, e o sítio de Blumenau apresenta todos os problemas possíveis, devido a interferência do corpo urbano sobre o espaço fisiográfico total, e em face de seu potencial de crescimento urbano na planície até a bem marcada encosta dos morros. Fato tanto mais grave porque apresenta a periferia de Blumenau que sobe pelos eixos dos afluentes até onde elas podem alcançar. Disso resulta também que a ecologia urbana e sócio-econômica de Blumenau têm alguns característicos muito especiais. Nada ali é totalmente concêntrico. Não existe totalmente um espaço de cidade central, ou seja, uma "city" do tipo de uma metrópole central, envolvida por áreas periféricas homogêneas. Pelo contrário, a cidade concentrou-se linearmente na beira rio, onde pôde. Existem alguns bairros tradicionais, dos primeiros povoadores, depois transmudados em industriais. A parte histórica da cidade, na condição de bairros mais valorizados do passado pelo teor das construções de bom nível para a época em que foram feitas. Já a beira do rio apresenta uma verticaliza-

ção por causa da exiguidade do espaço total urbanizável. Sobretudo, porque em face da dificuldade de crescimento horizontal, a única fórmula encontrada para utilizar o sub-espaço mais central foi através de prédios de apartamentos. Algumas dessas edificações são ocupadas por servidores e profissionais liberais, tais como médicos, engenheiros e advogados. Paralelamente vem a rua comercial, constituída por edificações mais baixas, porém, mais bem adaptadas à função comercial. Aí se localizaram também a grande Prefeitura e a Igreja Matriz de estilo muito peculiar, ao gosto de algumas pessoas, pela sua arquitetura incomum e quase exótica.

Depois, existem velhas habitações em sítios de antigos banhados, sobretudo em áreas mais próximas da beira rio; existindo ainda edificações novas que estão surgindo parcialmente no nível de banhado. Pelo menos uma parte do hotel Plaza Hering foi construída num modo assimétrico entre o banhado e uma ligeira lomba de terraço. Basta esse exemplo, aliás, para mostrar que existem edificações que não conseguem espaço para estar no terreno do dique marginal, que é um pouco mais alto. Existem edificações que descem com alguns de seus pilares, porões e andar térreo para dentro do banhado, o que é duplamente perigoso. São edificações que têm os mesmos problemas das construções localizadas no dique marginal, a vários metros de altura em relação ao nível médio das águas. Enquanto os espigões da beira-rio têm um andar térreo tangente ao dique, possuindo garagens subterrâneas praticamente abaixo do nível limite da inundação, os edifícios mais baixos, que estão nos banhados, têm mais problemas ainda, porque eles ficam sujeitos à inundação que penetra pela boca do ribeirão Garcia, formando banhados subparalelos ao dique marginal, no estirão principal de urbanização da cidade. A partir desse quadro de beira rio e dessas três ruas principais do centro da cidade: a Rua XV de Novembro, a Avenida Castelo Branco e a Rua Hermann Hering - e logo depois do banhado, existem certos espaços alagáveis em áreas problemáticas. A melhor condição do sítio fica para uma avenida mais larga, um pouco mais próxima da base do morro. Este conjunto é o núcleo central da cidade, em um espaço totalmente tamponado por edificações altas. Em uma área, via de regra, com alta valorização da terra, no lóbulo interno do meandro conhecido como Ponta Aguda, está ocorrendo uma dupla urbanização, traduzida por edifícios de apartamento, em blo-

cos mais ou menos contidos, e áreas residenciais horizontalizadas, com um estilo de casas modernas e mansões. Mais para frente e a partir deste lóbulo interno na outra banda da Cidade, reunido por pontes com a avenida de beira-rio começa haver uma ascensão de mancha urbana para os primeiros morros, através de loteamentos de alto nível, tendentes ainda a ficar muito próximos da área central. É flagrante que Blumenau não conseguiu totalmente se desligar da centralidade do núcleo comercial principal, o que faz com que haja um crescimento vertical e um crescimento horizontal nos morros, com devastação de florestas que até recentemente ali estavam, em função deste apego da população em conviver com o núcleo histórico central. Isto cria um problema muito sério de poluição sonora. Qualquer pessoa que esteja num apartamento ou num hotel na região central de Blumenau, terá um pouco daquela sensação de poluição sonora muito grande e avolumada com muitos decibéis, por muitas horas. Fato muito comum em uma cidade de grande porte.

A partir da exiguidade da Ponta Aguda e da beirada da margem direita do rio, na própria margem de ataque em que está a Avenida Beira-Rio, os núcleos se interpenetraram pelos outros vales, o Vale do Garcia, o Vale da Velha e, mais além, o Vale de Itoupava. Além, ainda, pelo vale do Benedito, o Encano e outros. Estão surgindo blocos de edificações verticalizadas fora da área central. Ponta Aguda interna e Ponta Aguda externa - em posições as mais diversas; encostadas aos morros em alguns lugares e em pequenos setores de planícies não muito rasas, encostadas aos sopés dos morros.

Nota-se que uma barra de espigão, pré-serra de Itajaí separa, a partir da Ponta Aguda um agrupamento de vales que se situa no eixo Itoupava e Velha (Itoupava à margem esquerda e Velha à direita) no entorno do núcleo central da Cidade. Então, por essa razão a cidade foi obrigada a seguir muito o Vale do Garcia, que é aquele que vai dar mais direto ao Centro, e agora se estende pela Velha e pelo Itoupava, com diferentes padrões de urbanização seguindo o mesmo esquema fragmentário. Isso decorre em áreas periféricas - residenciais periféricas e bairros dormitórios de Blumenau. Ali estão entrando blocos de edifícios de apartamentos, sobretudo em patamares de morros, fugindo sempre das cheias.

É, complexo, portanto, o esquema de urbanização e também

complexo o esquema de verticalização. Não é generalizado e contínuo como em outros lugares. O conjunto urbano tende a formar pequenos blocos nas duas bordas do rio. Isto indica uma proposta: é preciso, tanto quanto possível, circunscrever esses blocos para evitar que eles formem uma conurbação. Conceder àqueles conjuntos de edificações mais altas, um senso de um pequeno núcleo de verticalização. E talvez, diminuir a potencialidade desse processo verticalizador nos interstícios entre um bloco e outro, criando leis que façam um gabarito mais baixo, porém, mais amplos na base, com reunião de lotes, forçadamente. Não dá para usar o lote de casas residenciais como espaço de crescimento, mas sim, reunir os lotes e fazer dentro de uma inspiração arquitetônica correta. Essa seria uma primeira abordagem, sem que se esqueça da arborização, procedimento absolutamente indispensável.

Agora, vamos passar a um ponto muito importante que é o microclima e as questões topoclimáticas que envolvem as planícies alveolares. Os alvéolos eram depressões mais quentes do que os altos e médios morros, que eram mais ventilados, devido à soma geral dos ventos vindos do Atlântico, Então, em face de eles serem áreas naturalmente mais cálidas e, de repente, sujeitas a uma devastação florestal extensiva e a um tamponamento por uma faixa maciça de urbanização, hoje existe muito mais calor do que antigamente no centro de Blumenau, sobretudo nas depressões alveolares.

A forma de minimizar os efeitos das enchentes que atingem baixos dos prédios e das ruas, mesmo porque os edifícios mais altos gozam de um microclima diferenciado em altura, seria o de rearborizar convenientemente. Está faltando, certamente em Blumenau, um esforço para se criar um horto florestal de grandes dimensões, envolvendo uma grande quantidade de mudas para servir a toda a região. Talvez um horto com vários canteiros e estufas em várias posições e em diversos vales, ou encostas de morros. E, aí, também, existe uma possibilidade de uma proposta: que alguns desses hortos sejam feitos nos sopés dos morros para servir de tampão à possibilidade de uma subida de ruas e de uma devastação progressiva. Trata-se de uma estratégia, para criar diversos postos, nos sopés de vários morros, onde ainda existem condições para limitar a penetração de ruas laterais predatórias. Já que o outro problema da ocu-

pação do solo urbano na região de Blumenau á a tendência para subir as encostas, a partir dos confins dos vales secundários.

Num exame bastante rápido da questão das sub-bacias da região, identificamos três ordens de grandeza nas mesmas. Existem sub-bacias muito curtas e muito pouco ramificadas que descem as encostas dos morros através de traçados subparalelos. Estas têm que ser poupadas a qualquer custo porque seria catastrófica uma urbanização ou favelização no seu corpo territorial. A área dessas sub-bacias tem poucos hectares ou poucos milhares de metros quadrados, quando muito. As sub-bacias de segunda ordem, que vão ter ao Garcia, ao Velha, ao Benedito, ao Itoupaiva, têm um canal de escoamento e uma cabeceira dentrificada e ramificada, sendo que a população pobre tem disputado esses espaços exatamente os mais difíceis, os mais isolados e os mais à escapo de qualquer gerenciamento e fiscalização. De forma que ali se desenvolveu uma interdigitação urbana sempre ascendente; quer dizer, as ruas seguem a beirada desses córregos secundários, de nível intermediário, enquanto as casas penetram nas suas encostas, construindo o seu próprio mini tabuleiro, escavado lateralmente aos morros. Engastam-se as leves residências de madeira, as quais sobem cada vez mais pelas encostas das próprias sub-bacias dos córregos. Às vezes se constróem moradias dentro do próprio talvergue das sub-bacias, fato que realmente constitui uma anomalia, que deve chamar a atenção dos administradores. Trata-se de um caso que poderá ser um ponto de partida para uma estratégia de relocação desses casos mais esdrúxulos e irracionais de localização. E, o terceiro tipo de sub-bacia é constituído pelos afluentes do próprio rio. Tais afluentes, assim como o eixo principal do rio estão sujeitos a inundações fortes, enquanto a segunda ordem de grandeza de sub-bacias está sujeita a enxurradas rigorosas, durante a atuação das grandes chuvas, que afetam periodicamente a região em que materiais detríticos são arrastados. Casas que estão nos talvegues, sofrem inundação. Algumas sub-bacias dotadas de canal de escoamento em meandros ligeiramente encaixados - caso do rio Garcia e outros, ficam sujeitas a inundações, que atingem tanto as planícies mais recentes, quanto os terraços mais baixos e mais problemáticos. Este é o quadro, e a partir dele é preciso elaborar a planificação urbana, com um desdobramento de estratégias diferenciadas para cada setor e

para cada agrupamento humano que lá reside, no sentido de proteger o agrupamento humano - classe média e trabalhadores - assim como todo o conjunto do organismo humano em relação às enchentes. A análise destas ordens de grandezas das sub-bacias, tem derivadas para o planejamento urbano. O vale do Itajaí seria de sexta ou sétima ordem: uma grandeza muito maior, porque ele nasce no planalto e escorre até o mar por algumas centenas de quilômetros. Mas este ponto de partida, considerando sub-bacias de primeira a terceira ordem, nos pareceu muito importante, e ainda não bem trabalhado pela administração pública. Pelo plano diretor, sobretudo, o cuidado principal deve ser reservado, portanto para as sub-bacias de ordem de grandeza intermediárias. Sugere-se que nos pontos mais críticos desses becos de urbanização, que se intrometem no meio das sub-bacias - nos canais de escoamento das sub-bacias e ascendem até alturas razoáveis dos morros de Blumenau - que se fizessem alguns núcleos que significassem a presença do poder público. Não de um poder público policalesco e fiscalizador de situações anômalas. Para formar pequenos centros com uma certa variedade de tipos. Alguns dentre eles podem ter um centro comunitário, salas de reunião para a comunidade discutir seus problemas e aspirações, uma pequena biblioteca sobre assuntos simples, de ordem urbana e de ordem rural, de ordem histórica, com uma seleção de obras com um pouco de literaturas de ficção e viagens, que correspondam à média daquilo que se exige, por exemplo, nos colégios. E, depois, um escritorzinho dos gerentes da planificação urbana, com possibilidade de rodízio de funcionários para evitar uma fixação de pessoas por muito tempo, de modo solitário e rotineiro nesses becos de urbanização que certamente não são tão agradáveis quanto o conviver com os amplos espaços da Prefeitura de Blumenau. Outro tipo, seria incluir uma escola e um posto de saúde. Existem outros casos, em que se podem implantar de um modo topologicamente estudado - um auditório, um salão comunitário ou mesmo alguma instalação polivalente, um posto de serviço de bancos, para levar até às periferias alguns dos componentes habituais da estrutura da cidade ocidental.

A preocupação com as pontas de ruas que seguem estas drenagens e bacias secundárias é uma obrigação da visão social do planejador. Não se trata de colocar a presença do governo municipal nestes becos de

expansão urbana periférica, apenas para policiar ou fiscalizar de um modo mais rigoroso e direto os acontecimentos da ocupação do espaço local, mas, pelo contrário, intenta-se servir a esta população mais carente e desprotegida. Há que lembrar sempre que os que foram para o fundo de um talvergue de um córrego qualquer, assim o fizeram porque não tinham dinheiro para comprar terrenos em uma cidade de terra urbana super valorizada. Nesse sentido um comportamento social condigno, é o de fazer a relocação de algumas poucas casas. Portanto, sem qualquer prejuízo para os seus moradores, fazer uma listagem das situações mais críticas, para depois oferecer soluções. Remover aquelas poucas casas e dar um espaço, por pequeno que seja, de posse da Prefeitura numa área planejada para construções proletárias.

Um outro fato importante é o seguinte: os núcleos de planificação, podem ser feitos sob dois ou três formas como modelos. Para os supervisores, cada pequeno núcleo de urbanização deve ter a função de um belvedere, para o gerenciamento da ocupação das encostas de morros. Isto significa que, ao mesmo tempo, que se atende àquele beco e àquele pequeno agrupamento comunitário do tipo existente no Beco do Araranguá, na Rua Caçapava e similares, observa-se as estratégias de ocupação contra indicadas, evitando a favelização. Mesmo porque, o construtivismo sobre os morros tem vários pequenos modelos de estratégias, de especuladores ou de pessoas de baixa renda, para o apossamento das restantes áreas que não deveriam ser edificantes. Nesse sentido, vêem-se coisas como essa: em morros de declividade muito forte - completamente anti-urbanos, existem casinhas que foram engastadas nas encostas. Para tanto, faz se um corte, em plano, como se fosse um engaste, e depois localiza-se uma casinhola. Mantêm-se uma escadaria de acesso diretamente sobre o terreno: sobre o solo vivo. Ocorre que é muito difícil conservar esse tipo de escadaria. As mais baixas acabam sendo cimentadas; mas daí para cima, com uns pequenos desvios de eixos, outras escadarias são escavadas. Logo acima outro engaste. E, quando a gente pensa que terminaram as escadinhas e não há mais engastes de casas, pelo meio do mato ocorrem novas trilhas e surgem novas casas. Este é um esquema - que é encontrado em todo o Brasil. Outro esquema é do especulador que constrói casas em escadarias - uma atrás das outras - como se fosse um

arremedo de vila mediterrânea, com madeira; e, que, no fundo ficam intransitáveis e inatingíveis, um esquema que representa um aleijão na urbanização. Existe ainda um terceiro nível: especuladores que tentaram fazer implantações de vilas clandestinas, ludibriando a Prefeitura, vendendo para os incautos, casinhas que não são maiores nem melhores do que aquelas que estão lá no fundo do vale. Em função de tudo isso, não se vê outra saída do que a criação, para compensar essa situação anômala, de alguns conjuntos residenciais para baixa renda fora da área central principal e fora da área do Ribeirão Garcia. Em setores periféricos sinco-pados, porque não há condições, dentro da exiguidade do sítio urbano, para se encontrar grandes espaços em Blumenau. Convém congelar diversos espaços sob a forma de bosquetes, visando precisamente o desenvolvimento gradual desse padrão de construção, ao longo do tempo. Cada módulo previsto deve comportar um sistema de arruamento bem inspirado, e casas com sala, dois quartos, banheiro e algumas instalações no fundo do lote. Na região, não se pode ter a pretensão de fazer casas para a população de baixa renda a não ser em lotes de 6 x 15 ou 6 x 20 metros no máximo. De tal modo que as casas sejam construídas alternadamente, incluindo um embrião de casa nos interstícios dos lotes construídos. Isto talvez possa favorecer a dois padrões de clientes: o cliente de baixa renda em que a família inteira trabalha, e por isso, pode pagar uma certa taxa condizente com o valor do terreno e da construção. E, ainda, cliente de baixa renda, que inicialmente recebe uma edícula terminal, lá no fundo do quintal. Sem que se propicie a escarificação do resto do terreno, isso que é importante. Toda vez que se faz embrião de casa mas se deixa o solo nu na frente da edícula construída, perde-se a possibilidade de fazer alguma coisa útil para o futuro, porque já se dá uma coisa desarranjada para o proprietário. Existe gente que não tem condições de comprar um lote e, ao mesmo tempo, construir uma verdadeira residência. Mas é certo que tendo um embrião de casa possa construir, por auto-gestão, sua moradia. Para diversificar a paisagem dos núcleos, há que se oferecer plantas diversificadas para os que conseguiram adquirir o embrião de suas futuras moradias.

É necessário ter em mente que no meio da gente pobre existem pessoas que têm pobrezas diferenciais. Disso resulta a idéia de que nas

áreas de conjuntos residenciais para pessoas de baixa renda deve se fazer a diferenciação proposta: lote construído, lote com embrião de casa, ou até outras combinações, alternadamente. Em lote com embrião, as pessoas terão uma sensação de segurança em relação ao futuro de sua família e a possibilidade de vir a construir sua moradia em melhores condições. Entretanto para que não haja uma favelização desse conjuntos residenciais com este tipo de embrião de casa é necessário que as plantas sejam ofertadas para o comprador das mesmas, de tal maneira que ele possa seguir as plantas para não interferir no efeito conjunto das construções. Esta edícula ou embrião de casa deve ter plantas muito simples, funcionais, elaboradas por arquitetos sensíveis. E assim se poderá obter um bom resultado. Também se deve estudar nesses embriões de casa - assim alternados - a posição do poço, da cacimba, se não houver água instalável de imediato; assim como a posição da fossa, porque é preciso evitar nas terras aluviais das planícies dos rios de Blumenau de qualquer forma, a contaminação sub-superficial das águas. Se for possível prever rede de esgotos, tanto melhor. E aqui passamos para uma questão de ordem que muitos poderão julgar como sendo um pouco secundária, que é a tipologia dos parques. Vê-se claramente que há uma tipologia de padrões de bairros, flagrantemente diferenciada no conjunto do organismo urbano e social de Blumenau. Áreas em que existem velhas mansões, áreas em que ocorrem residências modernas e mansões em implantação. Morros em que existem residências de bom nível de construção. E morros que têm becos de expansão urbana muito rústicos. Para todo este conjunto, é importante ter uma noção de tipologia de parques.

Garret Eckbo, em vários de seus trabalhos, destacou a questão do dimensionamento de diferentes tipos de parques que uma cidade possui, sobretudo a diferenciação de funções destes importantes tipos de espaços públicos. O grande paisagista americano nos diz que existem cidades que têm parques metropolitanos: grandes áreas de lazer, jardins, espaços abertos, construções culturais, bosques, entre outros equipamentos de interesse comunitário para uso de toda uma população residente em uma área metropolitana. Por sua vez os parques distritais se destinam a setores, quadrantes da cidade, têm quase o mesmo significado, mas em um espaço bem mais exíguo e uma utilização por parte da população

mais propriamente do distrito e dos bairros envolventes. É um tipo de parque/prça que interessa muito para Blumenau. Depois vêm os pequenos jardins de bairros, que são importantíssimos como parte de um equipamento de espaços públicos abertos, de interesse para o lazer imediato de crianças, adolescentes, aposentados e namorados. E, a esses três tipos, acrescentam-se os parques especializados, pequenos espaços a um tempo de lazer e funcionais, destinados aos idosos ou às crianças de tenra idade: parques geriátricos e parques infantis. Cada um deles pede uma proposta. O parque geriátrico é feito para gente que não pode e não gosta mais de caminhar muito; são velhinhos, pessoas de muita idade que se reúnem para conversar, para lembrar as coisas do seu passado conservadas. Velhinhos não gostam de andar muito: mas precisam andar. Os melhores lugares para parques geriátricos são os larguinhos, ou alargados eventuais em áreas pequeno-burguesas da Cidade. Já, os parques das crianças pedem muito mais equipamentos, é preciso equipamentos de brinquedos, sub-espacos para uma esportividade contida. E, ao mesmo tempo, equipamentos para proteger a criança nos dias de muito sol, de muito frio ou de muito vento. Trata-se de espaços mais fechados e mais abrigados. Têm uma função cultural; podendo ter, eventualmente, uma função semi-esportiva, para o deslanche das energias das crianças. Para cada nível de idade das crianças para o qual esteja sendo planejado o parque, serão necessários equipamentos e sub-espacos diferenciados.

Já os parques dos adolescentes, devem ter uma certa amplitude: amplas quadras esportivas e diferentes ofertas de esportividade para os adolescentes. Mesmo porque o adolescente está numa fase de precisar gastar energia. Um gasto de energia, que é necessário e que implica em fortalecimento físico e tranqüilidade mental para o adolescente, pelo uso e desempenho no esporte. Nesse sentido, evidentemente, ele precisa de espaços e equipamentos especiais. É o caso mais fácil de se pensar em termos de função e dimensões, e o mais difícil de ser encontrado em termos de espaços viáveis. Por último, existem parques que são ecológicos, parques que contêm museus. Parques que são diversificados entre a ecologia e o santuário. Parques zoo-botânicos. Parques peri-urbanos, de funções e dimensões maiores.

A escolha de alguns desses tipos para uma cidade como Blume-

nau, nos parece indispensável. No caso de Blumenau, dado o tamanho da cidade e a exigüidade dos seus espaços, seria interessante estrategicamente, colocar alguns parques, na mesma situação que se falou para os hortos e bancos de mudas: na base de morros, um pouco como o parque do Morumbi (SP), para que ele sirva de tampão para defender a encosta, tendo uma espécie de transição gradual para as florestas, comportando áreas abertas aos usuários e áreas totalmente protegidas e de uso limitado. Sem cercas, mas com uma estratégia de proteção pensada e inteligente.

Para minimizar custos com dinheiro público, sugere-se que sua implantação seja realizada gradual e progressivamente. Primeiro gramado em clareiras pequenas. Depois gramados arborizados. Depois floresta com primeiro andar de vegetação cortada seletivamente com permanência de árvores altas. E ao fundo, bruscamente, o começo da floresta densa. Essa seria uma solução defensiva das encostas, possibilitando que as pessoas que supervisionem o parque, controlem a expansão da urbanização em morros, servindo de olhos e braços da planificação e do gerenciamento urbano.

Em termos de planificação urbana em casos extremamente difíceis, como é o caso de Blumenau - envolvendo urbanização e industrialização - é importante a formulação de um conjunto de estratégias; fato tão importante quanto a parte técnica da planificação, para se atingir os objetivos do próprio planejamento.

Convém contar uma história, que vai ficando rotineira, em algumas de minhas manifestações, mas que é indispensável para o registro que estamos fazendo.

Nos Estados Unidos, certa ocasião, Garret Eckbo recebeu a incumbência de pensar na possibilidade de transformar uma antiga penitenciária rural, de uma cidade de porte médio (não uma cidade como o sítio de Blumenau, mas provavelmente um centro urbano da Great-Plains) em um parque de dimensões metropolitanas. E, como era grande a área ocupada pela antiga penitenciária, tornou-se necessária uma concepção adaptada à sua ordem de grandeza e às potencialidades paisagísticas de espaço. Independentemente do significado anterior das construções que representavam grilhões para a punição do homem pelo homem, ou seja,

um local de triste memória. Dessa forma, esquecendo-se o passado lamentável de uma penitenciária, era preciso reciclar aquele espaço de memória tão trágica, formulando um grande parque. O estudo está descrito no livro "Shelby Farms", que é um livro, ao mesmo tempo, de proposta de um parque e de modelo de planificação para qualquer tipo de grande espaço público aberto à população. Sarret Hekbuck desenvolveu mais ou menos os seguintes roteiros de estratégias: reunindo-se com a comunidade - "homens bons da vila" - como diríamos nós aqui no Brasil, ele propôs que houvesse uma comissão de fundos, já que ele não queria cuidar de quem iria arranjar o dinheiro para fazer o parque. Postura importante: ou se é cientista, ou se é técnico, ou se é artista, ou arranjador de dinheiro. Não se deve ser tudo isso ao mesmo tempo.

Por uma questão de lógica, a Comissão de Fundos ficou nas mãos de empresários, que tinham mais poder econômico e social, envolvendo os grupos econômicos principais da cidade. Mas, complementarmente, com a presença de cidadãos simples e esclarecidos para ouvir e testemunhar o trabalho dos que estavam tentando arranjar o dinheiro. Note-se que arranjar fundos, é uma tarefa que envolve vários tipos de pressões desagradáveis. Daí a presença de pessoas que não sejam propriamente arranjadores de fundos, mas que fazem parte da Comissão em termos de pessoas identificadas com a causa.

Logo depois, existia um grupo que se encarregou de cartografar a área da velha penitenciária, visando identificar os seus principais atributos e potencialidades. Primeiramente se fez mapa convencional em boa escala, contendo os diversos compartimentos da área: planícies, riozinhos, diques marginais, banhados, terraços e colinas. Enfim uma carta convencional, de ordem topográfica. O segundo mapa, ou carta, era o da vegetação que estava sobre esses compartimentos todos. Vegetação da beira do rio, ecossistemas remanescentes - que eram muito poucos e os agro-ecossistemas e biomassas implantadas pelo paisagismo rústico da antiga penitenciária. Alguns bosques. Algumas massegas de matas.

O terceiro mapa era de ordem geomorfológica de detalhe. Aí não se tratava mais da topografia como um quadro de partes altas e baixas em mais ou menos declivosas. O objetivo era o de identificar todas as feições geomorfológicas do espaço. Uma tarefa de mapeamento, que se identifi-

casasse os banhados, o que existia dentro do banhado, cinturões meândricos, meandros abandonados, cicatrizes de meandros e outras coisas mais. Depois, como eram os terraços, a declividade de seu talude: talude em rampa, talude em paredãozinho, sem formato, altura e extensão.

Tudo isto tem que ser feito também para Blumenau. Às vezes o talude do terraço é longo, às vezes termina numa pequena curvatura, com declive arredondado.

Garret Eckbo pediu também um outro mapa importante que dizia respeito às construções instaladas no conjunto do espaço da antiga penitenciária, ou seja, os pátios dos presidiários, os muros de defesa, as pontezinhas para ligar as áreas agriculturáveis, os armazéns, os ranchos de armazenamento. Enfim, os amplos espaços possuídos das carcerárias, a casa do diretor, as residências dos funcionários e dos policiais, entre outras implantações. Feito isso tudo, providenciou-se um mapa das visuais paisagísticas, esquecendo-se um pouco das construções. Para tanto, os paisagistas se postaram no alto das colinas, na beirada dos morros, na beira dos terraços e para se obter idéias sobre a amplitude das visuais, independente das construções que poderiam ser removidas e daquelas - outras que seriam conservadas e recicladas para o futuro potencial culturalógico do parque. Esse tipo de mapa é muito importante, porque juntamente com os anteriores oferece aos paisagistas, a possibilidade de fazer um projeto com a natureza.

Na metodologia proposta por Garret Eckbo, após todas essas operações, o material era entregue a uma equipe técnica, mais propriamente da área artística, da área de arquitetura e urbanismo e da arquitetura da paisagem, para pensar o futuro parque, eliminando coisas, propondo novas introduções e fazendo projetos de utilização com leveza e inspiração. Tratava-se da feitura de um parque dentro da sua função polivalente. Portanto, um parque para todas as idades, não só para crianças, nem somente para adolescentes ou velhinhos. Essa técnica é uma aula do Garret Eckbo para os arquitetos e paisagistas do mundo inteiro. Trata-se da melhor e mais perfeita metodologia que se conhece; sujeito apenas às adequações específicas para cada caso ou região.

Outra coisa também, que o método Garret Eckbo valoriza é o de saber reaproveitar, por reciclagem, aquilo que é bom para o novo tipo

de função. No Caso de “Shelby Farms” esta postura ficou representada pela reciclagem de uso e revitalização social e paisagística, com vistas a usos culturais. Não se destrói tudo para se construir um novo mundo. Mas, se recupera alguma coisa do velho mundo, ainda que tenha uma memória triste ou trágica. Enfim uma reciclagem plenamente justificável. Essa habilidade de aproveitar o passado é fundamental no planejamento, eliminando apenas aquilo que realmente não está de acordo com a nova função. E, colocando-se novas construções, à custa de sub-projetos, bem inspirados. O projeto de uma biblioteca, rede de auditórios e salas de reunião. Entre outras propostas. é verdade que no Brasil, Lina Bo Bardi, realizou projetos similares em São Paulo e na Bahia, reciclando velhas fábricas e casarões para fins eminentemente culturais.

Em países mais pobres, não se pode fazer tudo ao mesmo tempo, transformando os parques em imensos e complicados canteiros de obras.

No que tange a Blumenau e sua região, pensamos ser indispensável essas comissões todas, com equipes técnicas adequadas. É de todo conveniente que no começo, no meio e quase próximo do fim, as equipes e as comissões se reúnam diversas vezes, com frequência. para discutir os documentos técnicos, o plano de conjunto e os sub-projetos, para triagem e seleção das prioridades.

Em relação ao caso específico de Blumenau, além de todos os fatos já tratados, existe a necessidade de ter bem claro de que não basta fazer represas à montante do Itajaí, nem fazer represas múltiplas nos vales já muito ocupados pelo homem, o que seria quase impossível sobretudo no caso Itoupava, Velha e Garcia. Há que se cuidar do entorno. Há que se cuidar do sítio urbano por dentro. E cuidar da orientação da ecologia urbana voluntária que está acontecendo no espaço total de Blumenau. E, ao mesmo tempo, há que se ensinar e fazer as pessoas ficarem precavidias para conviver com as enchentes eventuais.

O Itajaí tem cheias anuais. Terá enchentes certamente cada vez mais agressivas, porque o desmatamento prossegue nas sub-bacias e na bacia do alto e médio Itajaí. As perturbações climáticas estão acontecendo um pouco por toda parte, neste fim de século; às vezes com chuvadas mais concentradas, acelerando os fluxos das correntezas. De 11 a 12 anos, o Itajaí pode sofrer atuação das grandes enchentes. E nesse sentido,

há que se prevenir as pessoas para não serem muito otimistas. Ao contrário, em alguns casos seria conveniente alarmá-las. Isso, baseado no seguinte fato: numa das residências visitadas fomos informados que durante uma enchente, a água entrou no andar térreo até 2,60 m de altura. A proprietária não estava em casa no momento. Os vizinhos, quando viram a subida das águas, julgaram que provavelmente a casa iria ser inundada até quase o teto. As pessoas que estavam tomando conta da casa, caseiros e empregadas domésticas, acharam que não iria subir muito, porque em todas as outras situações, quando houve enchentes, as águas subiram meio metro acima do nível da sala. As águas subiram a 2,60 metros, atingindo a casa que estava bastante longe do rio, próxima a um pequeno canal de escoamento de uma sub-bacia. Isto mostra que as previsões relacionadas com as memórias das pessoas, não são positivamente sólidas, não são credíveis, porque ou essas pessoas só viram os efeitos de algumas enchentes, ou elas não têm memórias ou informações de enchentes que aconteceram há 20, 40, ou 70 anos antes na cidade, ou elas não têm a possibilidade de avaliar, que agora as coisas estão bastante mais perturbadas pelo desmatamento e pelos graves efeitos da distante corrente do “El Niño”.

Há que se completar essas considerações para informar às futuras pessoas que vão construir. Elas devem ter conhecimento destes fatos e, não devem confiar muito na memória curta de várias pessoas, porque podem ocorrer coisas mais catastróficas, em períodos de poucos anos (5 a 7; ou 11 a 13 anos). Além das cartas de declividade para orientar a ocupação de certos patamares de morros, independentemente de se preservar declividades de vertentes superiores a 25% na região. E, a carta de vulnerabilidade das encostas, considerando indispensável para orientar os órgãos públicos e os setores de planejamento sobre áreas críticas onde podem ocorrer deslizamentos e avalanches. Há que se ter mais duas cartas importantes: a carta das inundações referentes a todos os espaços das planícies alveolares que estão desde a região de Gaspar até a região de Indaial; e, a carta da criticidade da urbanização, em suas interferências sobre os compartimentos do relevo regional.

A carta de criticidade da urbanização diz respeito, sobretudo, à projeção da sociedade sobre o espaço total da região de Blumenau, socie-

dade que é certamente desigual em termos sócio econômicos, como de resto ocorre em uma boa parte das sociedades urbanas médias e grandes no Brasil. E esta projeção da pirâmide social sobre os espaços ocupados pelos diversos setores da sociedade, espaços muito diferentes entre si e localizados segundo contigüidades e vizinhanças, também muito diversas. Trata-se de uma carta a ser feita para a região de Blumenau, para ser cruzada com todos os outros fatos físicos e ecológicos. Pode-se dizer que a carta de criticidade da urbanização diz respeito sempre às questões, aos modos de vida no pequeno conjunto fisiográfico regional.

Nesse sentido, há que considerar sempre que a planificação depende dessas variáveis para poder servir à população e poder reciclar alguns projetos de urbanização.

Um ponto que precisa ser pesquisado, diz respeito a uma série de cartas que são importantes para o setor de planejamento de uma prefeitura do tipo da de Blumenau. Referimo-nos à carta de declividade das encostas: carta muito corriqueira, que já possui inclusive a metodologia própria, descrita por Mário De Biasi. Qualquer pessoa que já tenha visto uma carta de declividades, em alguma publicação científica, pode avaliar sua adequação para o sítio de Blumenau. Para tanto há que prever classes de declividades, de 0 a 2%, de 2% a 5%, de 5 a 10%, de 10 a 15%, de 15 a 18%, de 18 a 25% e acima de 25 a 30%. E estas cartas depois devem ser coloridas; os declives impossíveis para construções como de 25 para cima, ou 35 para cima, devem ser coloridos em vermelho; e os declives intermediários, entre 15 e 25% podem ser coloridos de tons de amarelos, diferentes entre si; e os declives mais baixos, em tons verdáceos. Usando-se enfim, as cores similares às dos semáforos. Mas, para os setores sujeitos às inundações, escolher uma cor especial (rosa ou roxo). A carta de vulnerabilidade, por sua vez, tem um fundamento visual muito parecido, através da identificação dos lugares de maior vulnerabilidade, onde podem ocorrer deslizamentos ou escorregamentos catastróficos. No caso de Blumenau, às vezes atrás de edificações, fábricas, hospitais, ou edifícios públicos, favelas e bairros de classe mais abastadas. Nenhuma área dos sopés dos morros está a escapo dos efeitos dos possíveis deslizamentos. Identificados os pontos mais vulneráveis, segundo o tipo de solo e as respostas do solo-rocha em relação à declividade e ao desmatamento, colo-

ca-se também cores vermelhas em lugares mais críticos, amarelas para lugares medianamente críticos, e, verdes para os lugares mais estabilizados, no caso também coincidentes com áreas mais florestadas. Além destas duas cartas, indicar uma carta de inundações feita a duas escalas, uma para setores centrais da cidade de Blumenau e outra para escala regional de Indaial até possivelmente Gaspar. Nela se indicando quais os setores alcançados pelas enchentes, em diferentes épocas. Esta carta é evidentemente indispensável no caso de uma cidade sujeita às cheias e inundações catastróficas, como é o caso de Blumenau.

Se existe criticidade nas baixadas embutidas entre morros e esporões de morros, ocorre também, uma maior criticidade nas vertentes estreitas de sub-bacias de córregos curtos, tributários do Itajaí. Nas encostas desses pequenos vales, desnudos de vegetação, não existem condições para uma urbanização adequada, por mais rústica que seja. Detectamos a implantação de uma pequena casa de moradia no meio do talvegue do córrego semi-seco. Trata-se de áreas em que as torrentes não vão deixar de passar apenas porque o homem ali chegou. Na realidade, os homens chegaram e construíram suas modestas edificações no caminho das águas e ficaram sujeitos à revanche da natureza.

Quanto à carta das visuais, que foi indicada para o caso do tratamento de parques, consideramos também indispensável para o vale do Baixo Itajaí. Blumenau, com todos os defeitos e perigos que têm em relação ao seu sítio urbano, comporta-se como uma bela cidade de piemonte. Só que no caso é uma região de piemonte, dotada de múltiplas planícies alveolares, precedendo áreas de maior rugosidade. Nesse contexto escolher o que liberar para urbanização e consciência de preservar como fato paisagístico ambiental torna-se muito mais difícil em Blumenau. Há esperanças, perante o quadro atual das massas de vegetação remanescente, de se instalar uma consciência de preservação que contribua para diminuir o progresso da devastação, impondo uma mentalidade de convivência com a biomassa florestal remanescente. Se não houver este pensamento, o destino de Blumenau, a nível de 30/50 anos será muito ruim e a nível de 100/200 anos, será quase intolerável.

Não se trata de alarmar ninguém, mas de alertar pessoas esclarecidas sobre os problemas que a cidade pode ter, a diferentes profundida-

des de tempo. Provavelmente, Blumenau, dotada de uma força de adensamento bastante vigorosa, vai atingir a escala de 400.000/500.000 habitantes, em pouco tempo. Daí, por diante, deveria-se desdobrar em distritos de urbanização, separados do corpo urbano original da Cidade. Para tanto há que multiplicar suas pontes e estabelecer um correto sistema de transporte coletivo e estratégias para um congelamento de espaço para futura postagem do lixo urbano.

A carta de visuais é ao mesmo tempo, de técnica e de sensibilidade. Há que estabelecer uma diferença entre paisagem e espaço. A paisagem é a simples visão; enquanto o espaço com seus diferentes arranjos é uma realidade, sujeita à sucessivas ações antrópicas. Ou seja, na perspectiva de onde o observador está situado. À medida que as pessoas sobem em uma região acidentada, o espaço visto em perspectiva, amplia-se, tentando abranger mais áreas. No entanto, por mais alto que a pessoa se poste, ela tem uma noção do espaço total organizado, quer em termos da natureza, quer em termos de projeção da sociedade e das diferentes formas de uso dos solos. Nos diversos acessos aos morros, deve-se colocar limitações legais para implantações recentes.

Para se fazer uma carta exclusiva de visuais, o observador tem que se postar tanto em sítios altos como nas partes baixas, onde a visual é estrangulada. À medida que se sobe para os terraços ou os patamares de morros já se tem uma visual gradualmente ampliada. Quando se atinge o alto de um morro, dentre os muitos que enquadram o sítio de Blumenau amplia-se substancialmente a visão da paisagem.

Evidentemente não se pode transformar todos os morros de Blumenau em belvederes. Atenção para isso. Os belvederes potenciais devem ser procurados, não em qualquer parte, mas sobretudo, em alguns poucos sítios onde ruas ascendentes já chegaram até quase ao espigão. Algumas vezes, já existem habitações nestes sítios, na qualidade de belvederes particulares de alguns privilegiados proprietários. Mas, os sítios de onde se pode observar cenários de grande beleza, felizmente se repetem, uma razão para procurar boas visuais ao longo dos acessos, nos diversos acessos múltiplos colocando-se limitações legais para as áreas de implantações recentes, onde os homens estão desmatando demais. É necessário contê-los, de alguma forma. Em locais dotados de declividade

maior do que 25 %, não há nenhuma possibilidade de aceitar as imposições dos loteadores. Ou seja, não pode existir uma liberalidade total para que cada pessoa faça o que quiser de seu lote. Em outras palavras os proprietários de lotes situados em áreas críticas, não podem eliminar totalmente as matas tropicais. Há de conceber um paisagismo em que se valorize a um tempo as matas e os lotes sujeitos a implementações arquitetônicas, com uma forte acoplagem com a natureza. Enfim, cada lote é um caso nos sítios de Blumenau, exigindo projetos especiais.

Uma preocupação especial deve ser dirigida para os morros que possuem pequenos setores planos, com a encostas mais avançadas na forma de esporões curtos. Mesmo porque já existem loteamentos extremamente dramáticos e anômalos, que sobem demais diretamente até os pequenos platôs, estando quase no topo das cristas. É muito importante que antes que os acessos cheguem aos altos das cristas se faça um zoneamento das encostas para garantir espaços loteáveis preservados. As posturas legislativas têm que ser rápidas antecipando-se a uma onda de desmatamento incontrolável, feito por qualquer tipo de fator social. Trata-se de representantes das classes operárias, ou dos que estão se aposando de território, ou insensíveis representantes da especulação imobiliária; ou ainda de pessoas que estejam congelando espaços e glebas para futura comercialização. Por todas essas razões há que segurar a chegada aos altos dos morros, sobretudo aqueles que estão 100/150 metros acima das planícies dos rios e riozinhos regionais.

Os morros florestados são a própria proteção do organismo urbano de Blumenau. Para gerenciar o espaço total através de regras e posturas, convém organizar uma Comissão ou um Conselho de Defesa do Patrimônio Natural e Cultural de Blumenau, com a maior urgência, para evitar que se possa fazer loteamentos descontrolados no presente e sobretudo no futuro. Cada setor de morro ou cada projeto, tem que ser submetido a este órgão para fazer tombamentos e restrições fortes a favor das comunidades urbanas, no presente e no futuro.

Blumenau, por ter um sítio acanhado, e complexo, teve uma história regional puramente agrária, nos seus primórdios. No contexto do seu passado agrícola, envolveu um grupo reduzido de colonos tipo europeu. Mesmo porque as pessoas sabiam o valor dos espaços dotados de

boa produtividade. Hoje Blumenau, na condição de cidade que cresceu - muito tornando-se um centro de apoio regional com uma indústria particularmente muito especializada e desdobrada ao extremo, passou a ter numerosos problemas urbanos.

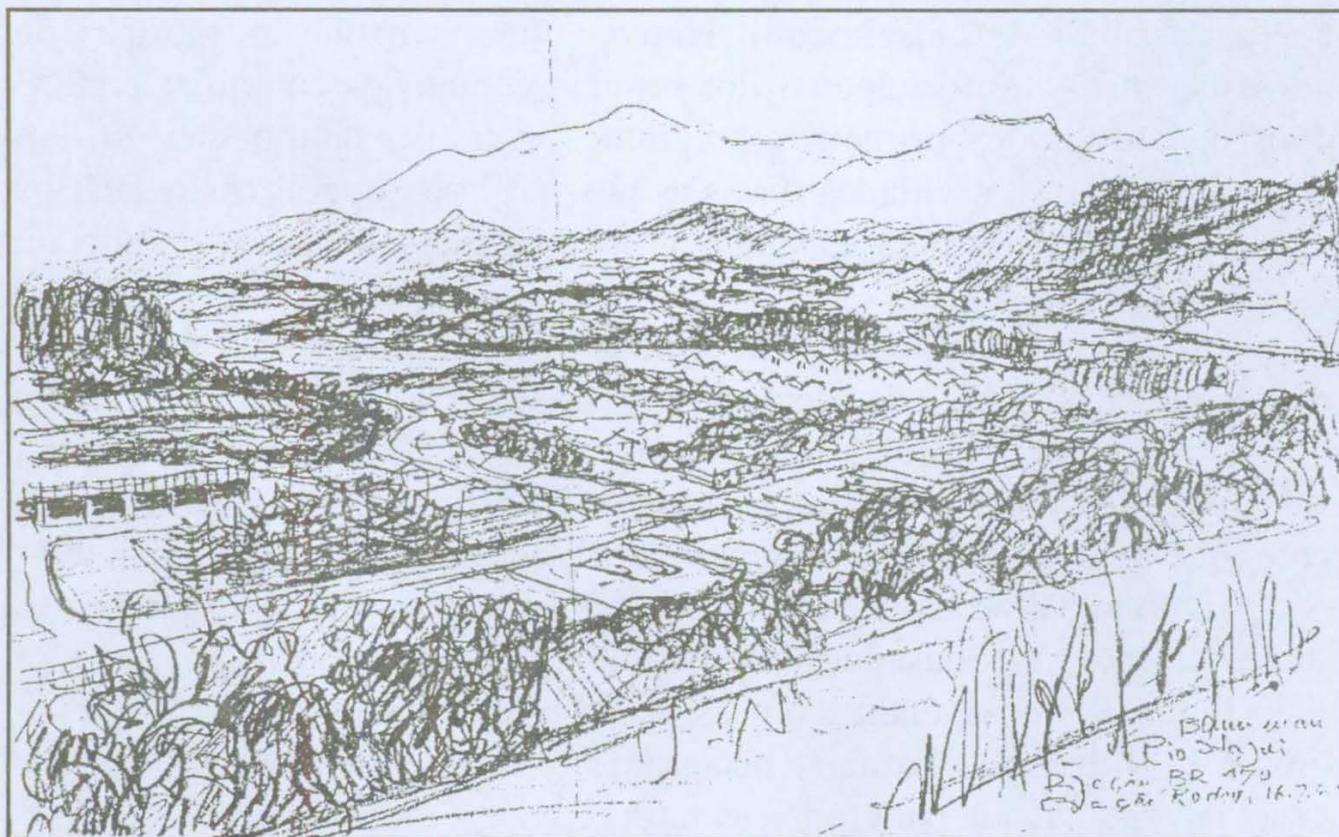
Hoje, a Cidade é um centro de atração de mão de obra pobre, de muitas outras áreas de Santa Catarina e regiões brasileiras. E suas lideranças culturais e administrativas não podem deixar de considerar que uma urbanização forte, com industrialização acoplada, obriga a um planejamento urbano racional, elaborado com alto nível de previsão de impactos.

O caso de Blumenau é muito específico e individualizado. Daí porque a inventividade dos planejadores e a diferenciação de ofertas de lazer para alguns bairros residenciais poderá ser uma solução integrada para a convivência de segmentos diferentes de uma população urbana em acentuado ritmo de crescimento. Houve tempo em que as fábricas de Blumenau utilizavam-se apenas dos remanescentes dos colonos alemães: filhos dos filhos dos primeiros imigrantes e, houve tempo mesmo, em que na estação das atividades rurais as pessoas eram operários sasonários de fábricas, voltando para as suas zonas rurais nas épocas de plantio ou de colheita.

Hoje tudo mudou. Existe uma pressão migratória de gente procedente de várias partes de Santa Catarina e do País. Procura-se emprego em qualquer parte do Brasil mais desenvolvido. Nesse sentido, Blumenau está sendo solicitada a abrir suas dimensões de emprego para uma nova gente, que nem sempre tem aquela organização e vivência dos descendentes dos colonos alemães. Gente mais livre na sua escolha de espaço e, ao mesmo tempo, mais ousada no apossamento do território. Mas, que tem pleno direito à convivência com as populações remanescentes da velha colônia de Blumenau. Torna-se necessário, uma nova noção da convivência social, endereçada para todas as fatias da sociedade, com reciclagens a favor dos mais carentes, através de modestos sub-projetos. Não se trata de faraônicos, tão a gosto dos políticos e das empreiteiras. Pelo contrário, trata-se de projetos que dizem respeito a diversos setores dos morros que separam parte do corpo urbano de Blumenau, os quais num futuro de 30/50 anos poderão ser motivos de túneis para interligar os alvéolos e

planícies interdigitadas do sítio urbano. E, nesse sentido é importante que se preveja o congelamento de algumas áreas para a futura construção de corredores viários, mais distantes da beira rio. Um pouco como se fossem anéis ou projetos semi-circulares ou elípticos, nos bordos internos de cada uma das planícies, prevendo-se a possibilidade de se fazer alguns túneis para a ligação com outras planícies, num esquema habitual no Rio de Janeiro. Porém materialmente mais modestos e menos multiplicáveis. Nesta proposta, é preciso que hajam espaços que não precisem receber a agressão por desapropriações brutais, dificilmente indenizáveis.

Por todas essas razões, a elaboração de um Master Plan para a região do Baixo Itajaí, e de um Plano Diretor para Blumenau, são exigências absolutamente indispensáveis para medidas a serem tomadas em nossa cidade e região pelos poderes envolvidos.



**Blumenau – Rio Itajaí**  
**Projeção BR-470**  
**Estação Rodoviária**

### O Cinema Mudo

Texto:

SIEGFRIED  
CARLOS WAHLE\*



Pela virada do século, Blumenau foi brindada com a primeira exibição de cinema realizada no Teatro Frohsinn. Na realidade esta exibição não passou de uma curiosidade, para apresentar uma recente invenção, mostrando como as pessoas, animais e figuras se moviam na tela como sombras. Os movimentos ainda eram de certo modo rígidos e ligeiramente turvos.

Daí em diante periodicamente apareciam exibições de cinemas, até que estas começaram a ser mais regulares. Durante a Primeira Guerra Mundial estas exibições escassearam muito.

Após a guerra, as salas de projeção apareceram em grande profusão no mundo, fazendo com que o cinema passasse a ser o passatempo do povo. Começaram a aparecer filmes não só de bons conteúdos, mas principalmente de comédias famosas, e para a garotada, aventuras de cow-boys, os famosos bang-bang.

Em Blumenau deve-se a Frederico G. Busch Jr. a introdução de um comércio cinematográfico. Busch arrendou o salão do Hotel Holletz, adaptando-o para um cinema. Inicialmente as instalações eram precárias. Cadeiras italianas soltas e mais tarde acomodou bancos com 6 assentos basculantes. No começo só havia uma sessão aos sábados, e quando havia baile nos clubes, a seção era transferida para o domingo.

Os filmes eram passados em partes, em média eram 6 partes, pois era necessário recarregar os projetores. Após três partes havia uma pausa de 10 minutos para permitir aos espectadores matar a secura por um cigarro, tomar um

---

\* Colaborador da Revista "Blumenau em Cadernos".

cafezinho ou um refrigerante. Para tirar a monotonia da seção, a exibição era acompanhada por musica tocada por três instrumentistas.

Muitos filmes vinham acompanhados de uma partitura. Para outros o acompanhamento ficava por conta dos músicos. Inicialmente o acompanhamento era feito por um músico, geralmente um professor de piano, ou de violino. Na metade da década de 20, foi formado um trio permanente composto de três professores do Colégio Santo Antônio: violino, pelo Prof. Max Kreibich; piano pelo Prof. Marcelino Bona e flauta, pelo Prof. Venâncio Finger. Eram professores do curso primário.

Prof. Kreibich sempre bem sarcástico, alegava que os filmes mudos em Blumenau eram acompanhados por uma orquestra sinfônica. Apesar de muito esforçados, de vez em quando “escorregavam”. Na hora de imprimir o ritmo de um cavalo galopando, ou começavam antes do cavalo correr ou terminavam quando o cavalo já estava descansando. Na exibição do filme “Tempestade sobre a Ásia”, que foi exibido em duas seqüências em dias seguidos, trocaram o ritmo das locomotivas pelo barulho de uma queda d'água. Às vezes quando tinham que dar um tom triste para uma cena fúnebre, davam um tom alto fora de compasso. É preciso notar que os músicos não acompanhavam continuamente o filme, por ficarem recuados, e a luz que iluminava a partitura era muito fraca. De um modo geral os três eram muito esforçados e quando “escorregavam” tomavam isto com humor. O acompanhamento durou até o aparecimento dos filmes musicados, então chamados sincronizados, isto é, antes dos falados. O filme musicado foi um grande progresso, que só foi ultrapassado com o primeiro filme falado, interpretado por Eddie Cantor.

Quando fiz o curso ginásial em Florianópolis, em 1930, lá já havia exibições contínuas, e quando fui passar as primeiras férias em Blumenau no fim do ano, o Cine Busch também já estava em ritmo contínuo.

Referência:

ACIB BLUMENAU 90 ANOS DE MEMÓRIA, Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989.

**Verbetes  
para a  
História  
Catarinense**

---

**Verbetes  
do ano 98**

Texto:

**THEOBALDO  
COSTA  
JAMUNDÁ\***



## **1. TESTEMUNHAS DO CAMINHO PERCORRIDO**

Das que dobraram a esquina do sumiço infinito uma é conhecida na Memória blumenauense pelo nome: BENJAMIN MARGARIDA. Como se diz na falação coloquial: viveu até 19.02.98. Tinha lugar certo e cadeira cativa nesta cidade apadrada pelo Apóstolo São Paulo. Quem neste mundo dos populares não conserva o todo de corpo inteiro com voz de fala e jeito de gente boa de coração pela própria natureza; e tendo tão grande alma metida no burburinho urbano que, era conhecidíssima apenas por Margarida.

Na ilha de Santa Catarina seria um Manezinho-ilhéu, e aqui não foi um “Fritz” porque seu nome Margarida está na crônica desta cidade que vem da “KOLONIE BLUMENAU”: procure ler José Ferreira da Silva, História de Blumenau, e encontrará secretariando os conselheiros municipais de 1893 a 1895, Francisco A. Margarida. É nome na política fervente de um tempo com carga tradicional significativa.

E todos nós merecemos o convívio cativador de Benjamin Margarida, principalmente, quando compúnhamos os moços daquele bloco de americanófilos com todas as soluções para tudo seja numa mesa do “BAR DO ARLINDO” ou “PINGUIM”.

Não o temos testemunhando que ficamos da década de quarenta para frente, porém a morte não o tirou da crônica de ontem e que chegou até o dia 19 de fevereiro de 1998.

---

\* Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira nº. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

- A morte apenas limita o espaço da vida física: quem morre é a matéria.

Disseram-me sendo má notícia: Margarida morreu! Olhei-me no espelho que aumenta a minha cara. E vi Margarida fraterno, agradável, comunicativo, no painel da memória. Quem queira, encontra-lo-á no espaço de seu tempo de corpo inteiro. - Duvido ... dê ó dó, que a morte possa tirá-lo de lá!

### 2 - O REPATRIADOR MORREU

Noticiou o “Jornal da Record” de 18.11.98 que o general do Exército Brasileiro A. de Lyra Tavares encerrara os seus 93 anos, no domicílio e residência no Rio de Janeiro, RJ. É possível que nesta tão grande massa humana de gente enraizada nos germânicos catarinenses, existia quem foi relacionado nos fazeres e quefazeres da Missão Militar Brasileira em Berlim. Foi dessa entidade a finalidade de fazer a repatriação dos brasileiros encontrados na Alemanha ocupada e operar providências cabíveis. Este general que agora foi para o irmão Sol, foi o subchefe daquela missão (1945).

E está no seu livro: “QUATRO ANOS NA ALEMANHA OCUPADA”: “A situação era difícil e caótica, e os cidadãos brasileiros confundidos na grande massa da população alemã” (...) “83% referia-se a brasileiros que haviam entrado na Alemanha em 1938 e 1939” (...) “os candidatos ao repatriamento eram binacionais” (cf. p. 63 e 64)

Faça a operação aritmética: o total dos candidatos ao repatriamento 3430, portanto os 83% que foram para a Alemanha nos anos 38 e 39 somaram 2847. Entretanto aquela missão repatriadora trabalhou com 7575 pessoas, pois, 4145 identificados como estrangeiros foram qualificados para o merecimento da emigração para o Brasil por serem deslocados, ou seja, pessoas anotadas no plano de assistência sob a responsabilidade de dois órgãos: (1) “Unites Nations Relief and Rehabilitation - UNRRA”; “Intergovernmental Committee on Refugees - IGCR”.

Mas confiável e próprio é o general Lyra Tavares mostrando os dados estatísticos que seguem:

“Muitos dos que não foram convocados haviam ingressado, por motivos diversos, no Partido Nacional Socialista, (que contava no fim da guerra com 12 milhões de membros) ou organizações a ele filiadas. Daí a demora dos respectivos processos de repatriação.

## DADOS ESTATÍSTICOS

A) Pessoas alistadas de acordo com o esquema de repatriação:

brasileiros .....	3.430
estrangeiros.....	4.145

B) Pessoas que seguiram para o Brasil

brasileiros .....	2.445
estrangeiros.....	2.752

C) Pessoas, abrangidas pelo esquema de repatriação, que ainda se encontravam na Alemanha em 31 de dezembro de 1949 (data da extinção da Missão Militar Brasileira):

brasileiros .....	985
estrangeiros.....	1.393

D) Embarques feitos em vapores brasileiros, de 02 de fevereiro de 1947 (1ª viagem do Santarém) até 14 de dezembro de 1949 (viagem do Duque de Caxias).

Total dos embarques.....	11
Total dos repatriados .....	5.885
Imigrantes.....	<u>1.749</u>
Total .....	7.634”

Ler 54 anos depois que o Brasil foi amparar os seus que ficaram envolvidos nos problemas decorrentes da capitulação da Alemanha (2ª Guerra Mundial período 1939-1945) é ainda homenagear a memória do general brasileiro repatriador. Competente e menos com espírito militar sendo aplicador de estratégia composta por três vertentes: (1) A do patriotismo pragmático usando o espírito jurisprudente; (2) A da Solidariedade natural e própria da nacionalidade; (3) A da Abrangência humanitária internacional.

Este general tão ausente do noticiário nacional, e a sua atuação como repatriador, também; tem na biografia que foi bacharel em direito e

engenheiro civil. É autor de livros entre os quais estão: (1) Brasil e França ao Longo dos Séculos (1979); (2) Aristides Lobo e a República. Membro da Academia Brasileira de Letras como titular da Cadeira nº. 20; também pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

### 3 - ESCRITORES HOMENAGEARAM CRUZ E SOUSA

Porque a Fundação Cultural de Blumenau deu “PANO PARA AS MANGAS” e ainda participou com o seu presidente Braulio Maria Schloegel e colaboradores distintos, a UBE/SC que Alcides Buss preside realizou com êxito o Encontro de Escritores num auditório do Teatro “Carlos Gomes”. Disse a avaliação dos vividos nesses eventos, que o Bate-papo literário alcançou nota 10. Mesmo se admitindo que a oradora oficial da palestra sobre Cruz e Sousa, não tivesse evitado o verbalismo, que ela própria reconheceu existir, pela própria natureza do tema tão impregnado de acadêmismo: certo teria sido que encurtasse a fala e distribuísse as páginas aos interessados em tê-las.

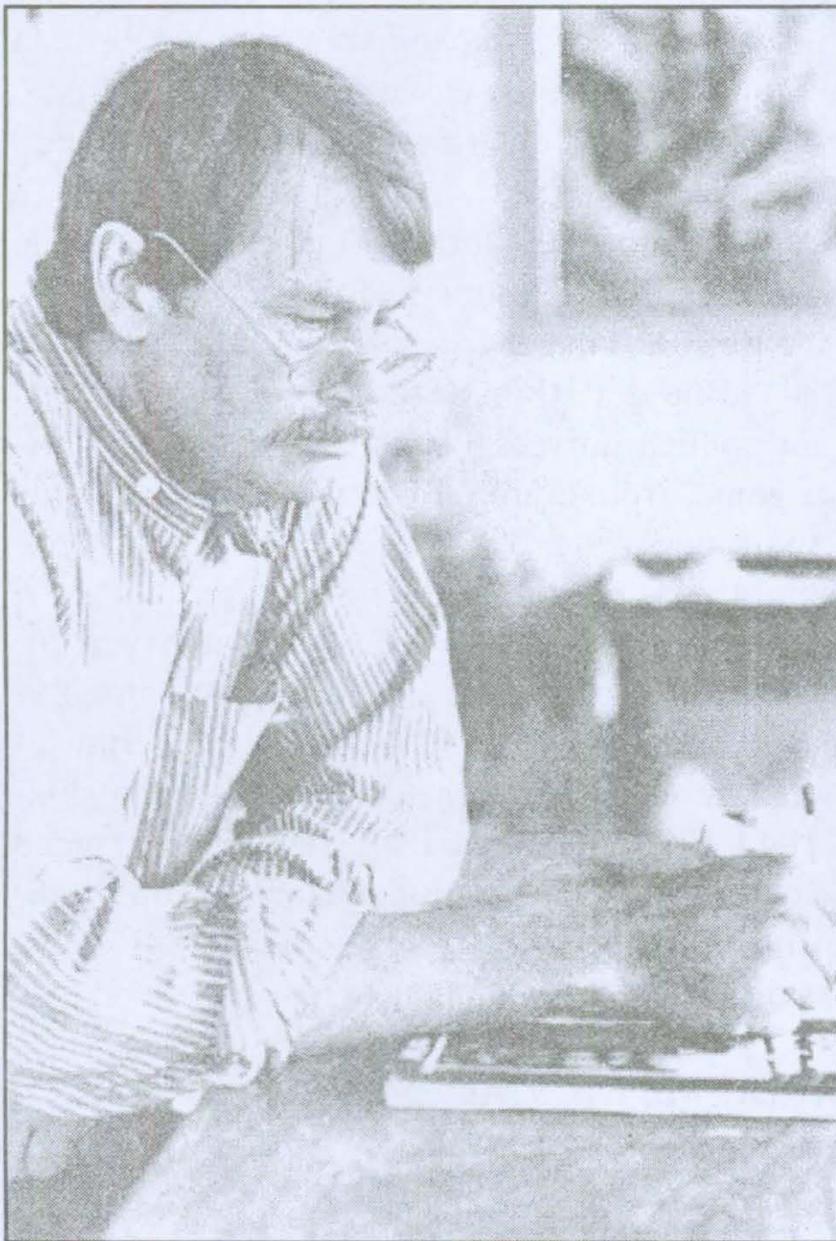
O Encontro de Escritores do dia 20 de novembro de 1998, foi como disseram: Eglê Malheiros, Enéas Athanázio e Hoyêdo de Gouvea Lins numa roda onde Emanuel Medeiros Vieira tinha a palavra gaguejada pelo contágio da felicidade grupal. Este evento da UBE/SC influenciado teria sido pela musicalidade de Carlos Gomes: magicamente, a harmonia em tantos que no uso da palavras e no soltar o pensamento são tão diferentes como Lindolf Bell e Salim Miguel, ou Júlio de Queiroz e José Endoença Martins.

Quem de nós ouviu naquele encontro que Lindolf Bell sequer num pensamento impressionista, vaticinara que, no dia 10 do mês natalino deixaria de ser terráqueo? - Ninguém ouviu e o não ouvir deu o melhor foi assim.

E no entrevero das idéias palpitantes sobressaíram Flávio José Cardoso, Maria de Lourdes Ramos Krieger, Hamilton Alves, Neide Almeida Fiori; sendo destaques entre os aparteantes: os poetas Leonor Scliar Cabral e Artemio Zanon.

Oxalá! A UBE/SC., com a sua gente em dia de 1999 tenha de catarina Chapecó a aquecida estimulação assemelhada ou ainda mais vibrante que a de um dia inteiro como Blumenau ofereceu.

### 4 - INVENTARAM A MORTE DO POETA



Gritaram vozes e tantas que contá-las foi impossível: assustada a cidade inteira parou esmurrada no coração. Inquietos os pássaros esvoaçaram. E sempre oportunista a Morte aceitou a autoria de ter matado LINDOLF BELL. Valeu-se ela da perplexidade e por que as lágrimas de tantos atordoaram os minutos da tarde vestida de luto. Na face do tempo o contágio da música do necrológio torturou. E não se viu que a Morte usurpava acobertada pelo silêncio dos sinos e a indiferença do Sol indo para o ocaso. Na geografia as cores do fim do dia 10 de dezembro, imodificadas, comunicavam a falação das

timboranas (falação das ancestrais) dos tempos de Bell-menino: poeta severo por ser o próprio a identidade do Homem! - A Morte não mata.

E isto assim não porque afirmado aqui e sim, na prova provada, que o artesão gráfico Cleber Teixeira dá. E faz tempo que vive informando sobre o convívio com gente como o categorizado Gerard Manley Hopkins (1844-1899). Foi a sua aguda e vertical sensibilidade que o fez tomar tradução de Augusto de Campos, e tipografar como Gutenberg (Johannes G. 1394 e 1399-1468) tipografou, compor, imprimir e editar: “Hopkins: Cristal Terrível; outra prova se tem com Mário Pereira: o seu livro “Certas Certezas”

(1995). Nele vive ele numa confraria onde entre outros está o seu influenciador mais forte G. K. Chesterton (1874-1936) não porque nasceu e está sepultado em Londres, Inglaterra, porém por que vive na leitura de milhões no mundo inteiro. Com estes se faz extensão da dedução que a Morte não mata que em vida é menos matéria e muito espírito ou é espírito usando a matéria quando terráqueo: outra prova é o genial catarina Cruz e Sousa vivendo todo e inteiro 1998 o centenário da imortalidade.

Na banda dos que sabem que poeta e Morte não mata, é entendido que as exéquias badaladas pelos sinos da igreja luterana de Timbó comunicaram que o defunto era Lindolf Bell, o sexagenário. Isto porque o autor do livro “Código das Águas” (1984) já no dia 10 de dezembro do ano passado estava na confraria espiritual da poética universal: e isto, exatamente, porque os europeus que o fizeram gente, trouxeram na cor dos olhos o poema da esperança. Bell-poeta foi mais que fruto de árvore genealógica. Bell-poeta tem a floração de 37 dezembros de poesia. Inútil é a lágrima.

E poderia ter sido dramaturgo ou escritor de novela, ou viver nos palcos dos teatros, entretanto optou ser o poeta que é; teria sido ideólogo se quisesse, optou ser o poeta que é; brecha para ser ativista político com letrreiro na testa, optou ser o poeta que é; poderia ter sido cultor de malsinações como F. W. Nietzsche (1844-1900) ou de malsinações e desesperos (fonte de pessimismo agressivo) como Arthur Schopenhauer (1788-1860) optou ser o poeta que é como homem liberto de cérebro indomável explicando-se na autoria das páginas do livro: “As Annamárias”:

“GUARDO-ME NA VIAGEM  
DO SÚBITO.  
UM PÁSSARO  
VÊ MAIS  
QUE OLHOS ATADOS  
NO COTIDIANO.”

Está com máscaras diferentes em cada um dos livros, como situado em estações alegóricas de marcado desfile. Dir-se-ia persistente no propósito na órbita do verso de Augusto dos Anjos (1884-1914):

“QUE NINGUÉM DOMA UM CORAÇÃO DE POETA” (A. do A. / Obras completas, p. 281) Lindolf Bell na ação pela vida da própria estatura social foi indomado: penetre-se o que recitou em certa página:

“Serei breve  
mas não tão breve  
que a eternidade  
escape do coração”

(Cf. “Vivência Elementares” p. 33/1980)

Maior, cativo e filial está a alegoria autobiográfica: “ODE A TIMBÓ REVISITADA” e também nestes versos:

“QUE LUGAR DE APOIAR MEUS OMBROS?  
CHEGUEI E PARTI CONSTANTEMENTE.  
VIVI E MORRI TODAS AS VEZES.  
SIMPLIFIQUEI MEUS SONHOS  
ATÉ A UNIDADE”

(Cf. “Incorporações” p. 14 a 17 e 58) (1974)

Toda aquela tensão coletiva que desviou a brisa da tarde do dia 10 de dezembro de 1998 do natural e popular foi uma consequência da discordância entre o coração (órgão que todo terráqueo depende porque o tem significativamente) e ele o poeta cavalgando vontade forte e própria sendo sexagenariante: estilhaçaria mil taças de cristal nas pedras dos rios Benedito e Cedros. Os imponderáveis interviram conflitantes. E tudo ficou resumido nos seus olhos fechados e o canto já escrito:

“GALO DA TORRE ONDE O TEMPO FILTRA  
OS HOMENS DEIXA TUA AURORA SOBRE NÓS”

## **Autores Catarinenses**

### **“Bulha D’Arroio”: 60 anos – Homenagem a Tito Carvalho**

Texto:

**ENÉAS  
ATHANÁZIO\***



Em 1939, numa modesta edição da Imprensa Oficial do Estado, sem alardes, coquetéis e autógrafos, surgia um dos mais marcantes livros já escritos em nosso Estado e que comemora seus 60 anos de vida. Trata-se de “Bulha D’Arroio”, coletânea de 16 contos de Tito Carvalho (1896/1965), o introdutor do regionalismo em Santa Catarina, abrindo caminhos para uma corrente literária criativa e que tem revelado grandes expoentes no correr dos anos, apesar dos longos hiatos entre eles. Embora diversos desses contos já houvessem aparecido antes na imprensa, foi a publicação em livro que os tornou mais visíveis, transformando “Bulha D’Arroio” no marco zero de nosso regionalismo.

Comparado ao regionalismo de outros Estados, o nosso é recente. No Paraná, por exemplo, ele surgiu em 1898, com o livro “Amor Bucólico”, de Júlio Pernetta, ainda designado como cabocismo, nome carregado de preconceito. No mesmo ano, meses depois, surgia “Pelo Sertão”, de Afonso Arinos, considerado o iniciador do regionalismo mineiro e nacional. No Rio Grande do Sul, só em 1912 Simões Lopes Neto daria a partida com a coletânea dos “Contos Gauchescos.” Tal como ocorreu com o modernismo, também o regionalismo se manifestou tarde entre nós.

Só em 1963, em edição da Livraria Acadêmica, Tito Carvalho publicaria seu segundo livro regionalista, o romance “Vida Salobra.” Isso revela o quanto era difícil publicar na época e, - segundo Nereu Corrêa, - o aparente receio dos

---

\* Escritor e advogado.

editores em dar a público obras regionalistas que se parecessem com as gaúchas. Essas circunstâncias, no entanto, hoje em nada importam. Enquanto a obra de Tito Carvalho permanece viva, estudada e publicada, as de outros, bafejados pela sorte e pela simpatia da imprensa de então, estão mortas e sepultadas. Em literatura, o que importa mesmo é o valor da obra.

Com efeito, a obra de Tito Carvalho tem merecido invulgar destaque. Sem falar na unânime aclamação do escritor como exímio contista, romancista e cronista, todos lhe reconhecem a condição de pioneiro indiscutível de uma nova corrente literária em Santa Catarina. Mereceu excelente ensaio de Nereu Corrêa (“Um Regionalista Catarinense”), análises esmeradas de Celestino Sachet e inúmeros comentários de outros autores. Afirma-se que sua ficção chegou a impressionar Guimarães Rosa.

No campo editorial, mereceu excelente edição crítica de “Bulha D’Arroio”, de autoria de Danila Carneiro da Cunha Luz Varela (UFSC - 1979), toda a ficção regionalista publicada num só volume (FCC/FBB - 1983), fascículo da série Escritores Catarinenses-Resgate (FCC - 1994) e a inclusão em coletâneas. Em 1997, a Editora da UFSC publicou o volume de crônicas “Gente do Meu Caminho”, organizado por Helena Tornquist, autora também de esclarecedor estudo crítico.

Mas é para “Bulha D’Arroio”, o aniversariante, que deve convergir aqui o nosso interesse. Composto de 16 textos, maiores e menores, eles se dividem em quadros, como “Luta de Touros” e “Pinheiro Agonizante”, e verdadeiros contos a que eu chamaria de “causos.” São “causos” em que predominam a tragédia e a violência, às vezes bárbara, enquadrando-os como “pesados”, conforme a antiga divisão de Monteiro Lobato para distingui-los dos “leves.” Quase não há humor, ternura, romance.

Como ressaltou Nereu Corrêa, “nosso regionalismo se confunde sob muitos aspectos com o do Rio Grande do Sul.” No que respeita ao linguajar, é parecido mas é diferente, é semelhante mas não é igual, sofrendo influências diversas lá e cá. Quanto mais observo, mais me convenço disso. E, nesse ponto, sinto que há em Tito Carvalho um certo exagero no linguajar regionalista, denunciando a influência de Simões Lopes Neto, constatada, aliás, numa leitura comparativa e até no exame

de suas crônicas. Essa circunstância, porém, não lhe retira ou diminui o mérito de grande escritor e pioneiro. É curioso observar que os melhores e mais autênticos contos do livro são justamente os menos carregados de regionalismos.

Quanto ao mais, no entanto, o livro é de uma autenticidade comovedora. Sua leitura tem o dom de me transportar aos Campos Gerais e sentir o seu “clima”, observando a paisagem verde das coxilhas, ouvindo o grito agudo do quero-quero e o sotaque escandido do povo, seus modos-de-dizer, comparações e eufemismos com que se expressa, seus valores morais, suas histórias e tudo que faz da região “um fio de colorido próprio no tecido da cultura nacional”- como disse João Ribeiro.

Os personagens, para mim, são pessoas vivas e reais, gente de carne e osso. Mudam nomes, lugares e situações mas no fundo são um só: o “coronel” mandão e dono do mundo, o político liso e de tapinha nas costas, o pedinte molambento. Escorraçado a pedradas pela piazada maleva, o matador frio cujo nome faz criança dormir, o carneador de pulso firme e golpe certo, os namoricos tímidos, os cumprimentos de mão pegada (na ponta dos dedos), o universo campeiro, enfim, simples na aparência mas complexo como poucos.

Como já se disse de alguém, vale também para o autor de “Bulha D’Arroio”: é mais fácil e seguro reconstituir a vida dos Gerais através de seus contos que das páginas de obras de outros gêneros, mostrando que, mesmo num mundo globalizado, e agora mais que nunca, é uma obra viva e indispensável ao nosso próprio conhecimento.

É interessante notar que, em 1923, dezesseis anos antes da publicação deste livro, Tito Carvalho declarou “estar deixando o regionalismo.” Essa declaração é, para mim, um enigma. Estaria ele cedendo ao preconceito existente contra o regionalismo? Ou procurava conciliar-se com o severo mundo acadêmico? Não creio que fosse isso, uma vez que o escritor não era de se atemorizar à toa, mas não deixa de ser irônico que sua sobrevivência literária se deva à parte regionalista de sua obra, logo aquela de que ele declarava se afastar.

“Bulha D’Arroio” é um livro que engrandece nossas letras e merece ser festejado.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

- ) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
- ) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
- ) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
- ) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **1999** (Tomo 40). Anexo a este cupom a quantia de R\$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco: .....

Número: .....

Valor: R\$ .....

**Dados do assinante:**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Caixa Postal: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Fone p/ contato: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

.....  
Assinatura

**Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"**

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

# Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Alfred Luiz Baumgarten

Altamiro Jaime Buerger

Annemarie Fouquet Schünke

Ariano Buerger

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Nelson Vieira Pamplona

**Victória Sievert**

Willy Sievert (*in memoriam*)

**BTV - Blumenau TV a Cabo**

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

**Eletro Aço Altona S/A**

**Gráfica 43 S/A Ind. Com.**

**Hering Têxtil S/A**

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Lindner Arquitetura e Design

Madeiraira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau



**TOMO XL**  
Janeiro de 1999 - Nº. 01



**N**a região de Blumenau os piqueniques, além do significado de lazer e entretenimento, representavam um verdadeiro encontro social.

*Vestidas com roupas de domingo, dezenas de pessoas de várias idades, ao som de uma banda musical desfrutavam, ao ar livre, das belezas naturais da região. Era uma prática que fazia parte da cultura regional, objetivando o divertimento e a integração da comunidade.*

